

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM LETRAS-INGLÊS

RENATA PEREIRA FONTENELE

“GET TO WORK! TO WORK...”: o trabalho e as relações sociais em *A viagem de Chihiro* (2001) à luz dos estudos marxianos

PARNAÍBA

2024

RENATA PEREIRA FONTENELE

“GET TO WORK! TO WORK...”: o trabalho e as relações sociais em *A viagem de Chihiro* (2001), à luz dos estudos marxianos

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras-Inglês da Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras-Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Cristina da Cunha.

PARNAÍBA

2024

F683g Fontenele, Renata Pereira.

?GET TO WORK! TO WORK...?: o trabalho e as relações sociais em A viagem de Chihiro (2001), à luz da estudos marxianos / Renata Pereira Fontenele. - 2024.

67 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura Plena em Letras-Inglês, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2024.

"Orientadora: Profa. Dra. Renata Cristina da Cunha".

1. Estudos marxianos. 2. Classes sociais. 3. Divisões de classes. 4. Luta de classes. 5. A viagem de Chihiro (2001). I. Cunha, Renata Cristina da . II. Título.

CDD 420

RENATA PEREIRA FONTENELE

“GET TO WORK! TO WORK...”: o trabalho e as relações sociais em *A viagem de Chihiro* (2001), à luz da Estudos marxianos

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Letras-Inglês da Universidade Estadual do Piauí, Campus professor Alexandre Alves de Oliveira, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras-Inglês.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Orientadora: **Dra. Renata Cristina da Cunha**
Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

Professor Convidado: **Dr. Ruan Nunes Silva**
Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

Professora Convidado: **Dr. José Wanderson Lima Torres**
Universidade Estadual do Piauí – Teresina

APROVADA EM 19 DE DEZEMBRO DE 2024

Dedico este trabalho **à minha mãe, Maria do Remédio** (*In memoriam*), que, embora não esteja mais fisicamente presente, continua sendo minha maior inspiração e fonte de força. Dedico também **à minha criança interior**, cuja curiosidade e imaginação me guiaram para alcançar este objetivo. A você, minha mãe, e à minha própria essência infantil, obrigada por me ensinarem a nunca desistir dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer à **minha mãe**, que não está mais entre nós. Ela sempre foi o meu maior incentivo, acreditando em mim, apoiando-me e incentivando a seguir em frente. A ela, dedico esta monografia. Sei que, onde quer que ela esteja, está orgulhosa de mim, trago comigo uma frase que ela sempre dizia: “Vai lá e tenta!”.

Agradeço também ao **meu pai**, ao **meu irmão**, ao **meu cunhado**, ao **meu namorado** e a **todas as pessoas** que sempre estiveram ao meu lado. Sem o apoio de todos vocês, eu não teria conseguido chegar até aqui. Agradeço à **minha irmã**, por seu apoio durante todos os momentos que serviram de inspiração para mim e **minha sobrinha, Isadora**, a bebê mais sorridente e carinhosa, por fazer nossa família mais alegre.

Dedico uma parte especial ao **meu namorado, Jhonatas**, com seu jeito sério, mas sempre carinhoso comigo, por estar sempre me apoiando. Ele me ajudou a manter a calma nos momentos mais difíceis, sempre me incentivando e fazendo de tudo para me animar enquanto eu escrevia minha monografia.

Agradeço imensamente à **minha amiga Natália**, que esteve comigo desde o início, em diferentes momentos – seja nas discussões sobre o trabalho ou nos momentos de consolo. Ela sempre foi uma amiga fiel, conselheira e líder de turma, sendo também uma pessoa que sempre me ajudou a superar os desafios.

Sou muito grata aos meus amigos **Michel** e **Brenda**, que sempre me ajudaram quando necessário. Michel com seus conselhos sábios, pai do grupo e boas caronas, e Brenda com seu jeito extrovertido e sua enorme bagagem de filmes e séries, sempre me dando dicas incríveis sobre o que assistir ou ler. Também agradeço aos meus outros amigos, **Giovanna, João, Franciel, Letícia, Isabela, Keciane** e **Andreza**, vocês foram muito importantes para mim.

Quero também agradecer **aos amigos que fiz na UESPI**, nos mais diversos cursos e **aos funcionários da universidade**, que sempre estavam dispostos a me ajudar. Agradeço especialmente ao seu **Ricardo**, que sempre me ajudava com questões como o ar-condicionado e que sempre estava lá à noite, perguntando como estava o andamento do nosso curso.

Dedico esta monografia **aos meus colegas do CCL, no meu trabalho**, e a **todos** que, mesmo não mencionados aqui, marcaram presença em minha vida ao longo dessa jornada com momentos de brincadeiras e risadas. Principalmente, aos professores que serviam de inspiração, como **Fábio, Neto, Moraes, José Aloísio** e **entre outros**, a dedicação de cada um deles foi inspiradora.

Dedico às minhas amigas de ensino médio: **Fabiana, Eduarda, Natália Vieira, Amanda, Melyna e Beatriz**. Cada uma fez um papel importante na minha vida, mesmo com encontros rápidos e corridos, além, das caminhadas para conversarmos sobre como cada uma estava e relaxar. Agradeço ao convite e companhia de vocês quando íamos desbravar Parnaíba, caminhando mais de 2 horas por dia, foram experiências memoráveis.

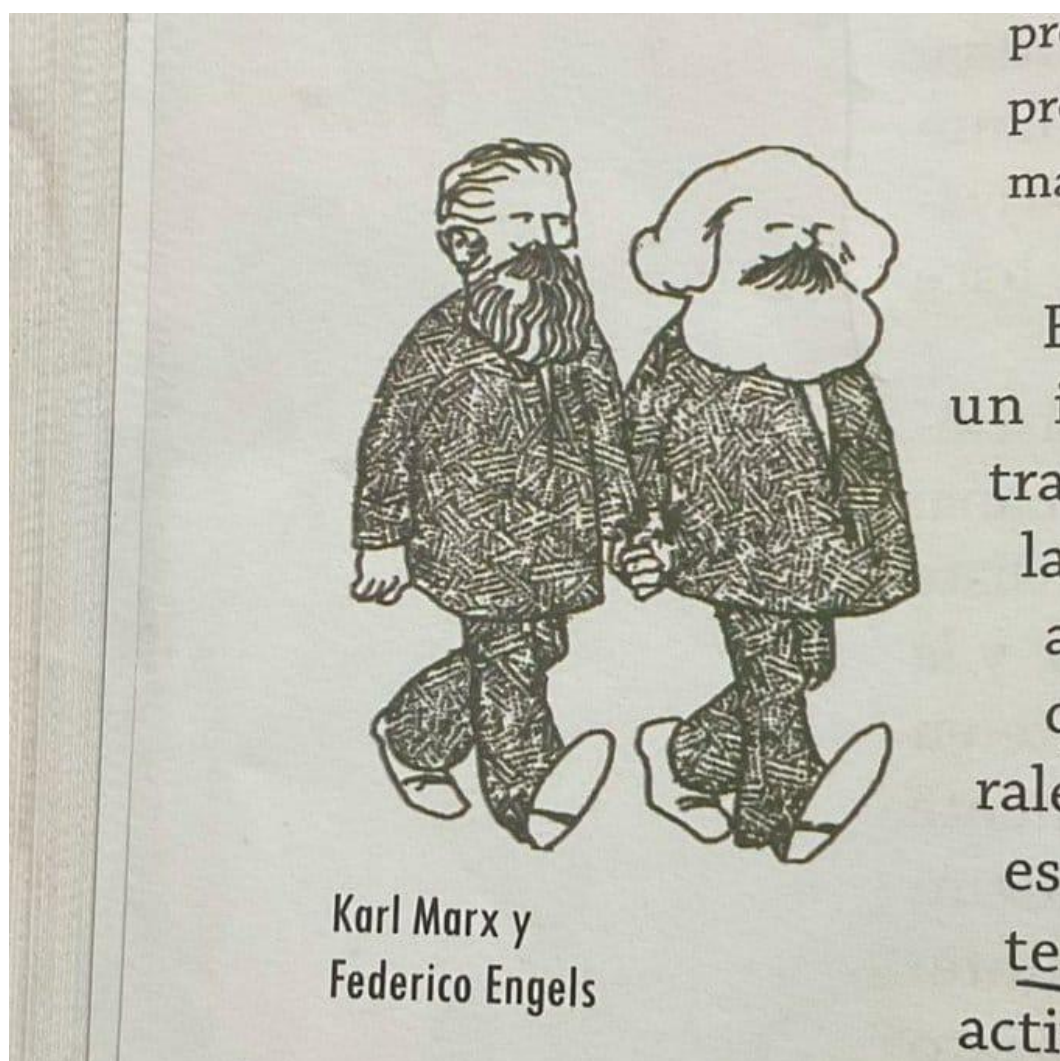
Também quero agradecer **a todos os professores** que tive ao longo do curso de Letras. Cada um de vocês contribuiu com ensinamentos valiosos, como a professora **Francimaria, o Leonardo, a Ana Carolina, o Tássio, a Elaine, a Eva e a Fabiane**, entre outros que passaram por meu caminho.

Agradeço também ao **professor Ruan Nunes**, que foi uma presença constante ao longo do curso, seja como coordenador ou professor. Ele me ajudou de maneiras que me fizeram crescer muito, especialmente durante o período em que tive duas disciplinas ao mesmo tempo. Agradeço pelos ensinamentos que me ajudaram a melhorar tanto na parte acadêmica quanto pessoal.

Por fim, sou imensamente grata à **professora Renata Cristina da Cunha**, que sempre me incentivou a seguir em frente, mesmo nos momentos em que eu pensava em desistir. Sua presença e apoio foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Ela sempre disse que, independentemente do que acontecesse, ela estaria ao nosso lado para auxiliar.

Gostaria de agradecer também **aos membros da minha banca**, por aceitarem o convite para avaliar o meu trabalho e acreditarem que ele é especial. Muito obrigada!

Figura 1 — Marx e Engels de mãos dadas mostrando como a discussão deles sempre anda junta



Fonte: X (Twitter)¹

¹ Disponível: <https://x.com/cavivsblunt/status/1865220359588618491>.

FONTENELE. Renata Pereira. “**Get to work! To work...**”: o trabalho e as relações sociais em *A viagem de Chihiro* (2001), à luz da estudos marxianos. Monografia. 67 p. 2024 (Graduação em Letras – Inglês) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2024.

RESUMO

Esta pesquisa discorre sobre as relações sociais entre Yubaba e Chihiro em *A viagem de Chihiro* (2001), uma vez que a interação entre as personagens desta animação tensiona questões de classe social, desvelando as opressões vivenciadas pelo proletariado. Nesse sentido, esta pesquisa se propõe a responder à seguinte questão: como a relação entre Yubaba e Chihiro estabelece e tensiona as diferenças de classe social na animação *A viagem de Chihiro* (2001)? A fim de responder a essa questão, delimitamos o seguinte objetivo geral: investigar como a relação entre Yubaba e Chihiro estabelece e tensiona as diferenças de classe social na animação *A viagem de Chihiro* (2001). Com intuito de alcançar o objetivo geral, foram definidos três objetivos específicos: (I) discutir os pressupostos teóricos da estudos marxianos, com ênfase nos conceitos de classe social, divisão de classes e luta de classes; (II) analisar como a personagem Chihiro representa a classe dos trabalhadores e as formas como ela resiste às opressões da burguesia; (III) compreender como a personagem Yubaba personifica a classe da burguesia e como ela oprime e explora a classe trabalhadora. Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma investigação com abordagem qualitativa, na modalidade bibliográfica, de natureza exploratória, de cunho interpretativista, embasada com base nos estudos de Karl Marx e Friedrich Engels (2010), Eagleton (2011), Marx (2010), dentre outros. Os achados da pesquisa sugerem que Chihiro vivenciou a realidade da classe trabalhadora, sendo explorada por Yubaba na casa de banho onde trabalhou incessantemente até retornar ao convívio com seus pais.

Palavras-chave: Estudos marxianos; Classes sociais; Divisões de classes; Luta de classes; *A viagem de Chihiro* (2001).

FONTENELE. Renata Pereira. “**Get to work! To work...**”: o trabalho e as relações sociais em *A viagem de Chihiro* (2001), à luz da estudos marxianos. 67 p. 2024. Monograph (English Teaching Course) – State University of Piauí, Professor Alexandre Alves de Oliveira campus, Parnaíba, 2024.

ABSTRACT

This research explores the social relationships between Yubaba and Chihiro in *Spirited Away* (2001), as the interaction between these characters in the animation highlights issues of social class, revealing the oppressions experienced by the proletariat. In this sense, the study aims to answer the following question: how does the relationship between Yubaba and Chihiro establish and highlight social class differences in the animation *Spirited Away* (2001)? To address this question, the research sets the following general objective: to investigate how the relationship between Yubaba and Chihiro establishes and highlights social class differences in *Spirited Away* (2001). In order to achieve the general objective, three specific objectives were defined: (I) to discuss the theoretical foundations of Marxist studies, with an emphasis on the concepts of social class, class division, and class struggle; (II) to analyze how the character Chihiro represents the working class and the ways she resists the oppressions of the bourgeoisie; (III) to understand how the character Yubaba personifies the bourgeoisie and how she oppresses and exploits the working class. To achieve these objectives, the study employed a qualitative research approach, based on a bibliographic modality, with an exploratory and interpretive nature, grounded in the works of Karl Marx and Friedrich Engels (2010), Eagleton (2011), Marx (2010), among others. The research findings suggest that Chihiro experienced the reality of the working class, being exploited by Yubaba in the bathhouse where she worked incessantly until she returned to live with her parents.

Keywords: Marxist studies; Social classes; Class divisions; Class struggle; *Spirited Away* (2001).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Marx e Engels de mãos dadas mostrando como a discussão deles sempre anda junta.....	00
Figura 2 — Chihiro ao lado de uma estátua de pedra japonesa.....	35
Figura 3 — Haku vê Chihiro pela 1ª vez.....	36
Figura 4 — Kamaji trabalhando nas caldeiras.....	36
Figura 5 — Kamaji trabalhando nas caldeiras.....	37
Figura 6 — O encontro de Chihiro e No-face.....	38
Figura 7 — Chihiro chega ao lugar em que Yubaba vive.....	39
Figuras 8 e 9 — Entrada do quarto de Yubaba na casa de banho.....	40
Figuras 10 e 11 — Yubaba assinando documentos e o lugar onde as funcionárias dormem...	41
Figura 12 — As relações dos funcionários da casa de banho com sua dona.....	45
Figuras 13 e 14 — Chihiro conhece Kamaji pela primeira vez e descobre o tipo de serviço dele.....	46
Figura 15 — A 1ª tarefa que Chihiro realiza: atender o Espírito Fedido.....	57

SUMÁRIO

1 COMO TUDO COMEÇOU	11
2 DOS ESTUDOS MARXIANOS À LUTA DE CLASSE	18
2.1 ESTUDOS MARXIANOS	18
2.1.1 Classes Sociais	22
2.1.2 Divisão de Classes Sociais	25
2.1.3 Luta de classes.....	27
3 CHIHIRO, YUBABA E AS RELAÇÕES DE PODER.....	32
3.1 VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DE A <i>VIAGEM DE CHIHIRO</i> ?	32
3.1.1 “Where is everybody?”: Chihiro e Yubaba.....	34
3.2 “You’d make a lovely piglet...”: A burguesia e suas explorações	40
3.3 “Um, please let me work here...”: O proletariado e suas opressões	52
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	64

1 COMO TUDO COMEÇOU

Antes de iniciarmos esta introdução propriamente dita, é importante explicar o título da monografia: “Get to work! To work...” (*A viagem de Chihiro*, 2001, 28:35 – 28:37). Essa fala, proferida pelo personagem Kamaji, foi escolhida como título porque explicita o imperativo no mundo em que se passa a história, o trabalho exercido incessantemente pelos trabalhadores da casa de banho onde Chihiro também vai trabalhar.

Nesse cenário, retomo aqui as considerações iniciais desta monografia, narrando o surgimento do interesse pelo meu objeto de pesquisa e pelas lentes teóricas que orientaram a realização deste estudo.

Durante minha infância², sempre tive um grande interesse pela cultura asiática. A primeira vez que me deparei com esse tema foi por meio de desenhos animados infantis. De segunda a sexta-feira, a TV Globo se tornava meu portal para a ação e humor, cabe ressaltar que entre as minhas memórias favoritas da infância está o desenho animado *As Aventuras de Jackie Chan*, que era exibido justamente no programa infantil TV Globinho. Assim que chegava a casa, ligava a TV na esperança de encontrar o desenho e me aventurar junto com o personagem.

Mais tarde, o programa acabou sendo cancelado e substituído por outra programação televisiva. Com isso, minha rotina tornou-se enfadonha e repetitiva, mas não permaneceu assim por muito tempo. Após esse acontecimento, meu irmão adquiriu um laptop que, embora não fosse tão moderno e eficiente, foi meu refúgio, afinal, naquele momento, nossa condição financeira só possibilitava a compra daquele produto. Em contraste, essa oportunidade me abriu as portas para o fascinante mundo das animações japonesas, uma paixão que permanece viva até hoje. Nesse sentido, mergulhada na experiência de ter pela primeira vez um notebook, que viria a ser meu companheiro de batalhas quase diárias, deparei-me com algo que despertou minha curiosidade: um anúncio que surgiu durante um jogo, intrigando-me a ponto de querer saber qual era o desenho em questão. Logo conheci o anime japonês *Naruto*³, o qual até então eu nunca tinha ouvido falar, mas graças àquele comercial descobri o mundo dos *animes*⁴ e *mangás*⁵, perdendo a conta de quantos já li ou assisti ao longo dos anos.

² Narrativa na primeira pessoa do singular por se tratar de uma pesquisa de cunho pessoal.

³ Série de mangá, escrita e ilustrada por Masashi Kishimoto, foi adaptada em 2002 para a televisão com o mesmo nome da obra original.

⁴ Séries e filmes de desenhos animados que passam nos meios de telecomunicações oriundas dos mangás.

⁵ Histórias em quadrinhos japonesas que foram lidas de trás para frente e da direita para esquerda.

Desde então, constantemente tenho consumido o entretenimento asiático, não somente por meio de *mangás* e *animes*, mas também por filmes, séries de TV, dentre outros meios de lazer. No final de 2019, o mundo passava pela crise do COVID-19, uma pandemia que provocou inúmeras mortes (Organização pan-americana da saúde, on-line). Durante esse período, eu estava concluindo o meu ensino médio antes que os casos de coronavírus se espalhassem pelo mundo.

Nesse processo, aconteceram várias situações em minha vida. Um deles em questão, foi o falecimento da minha mãe, dessa forma, enquanto o mundo tentava assimilar as milhares de mortes provocadas pela pandemia, eu tentava entender o que acontecia ao meu redor. Nesse contexto, devido às políticas de distanciamento social, foram adotadas algumas medidas de isolamento social, portanto, passei esse período em casa. Em vista disso, passei a mergulhar ainda mais no mundo dos *mangás* e *animes*, buscando um refúgio daquele fato que me assolava.

Das inúmeras animações que conheci durante esse período, *A Viagem de Chihiro* foi uma das primeiras que assisti dos Studios Ghibli. Essa animação foi lançada em 2001 e conta a história de uma menina tímida chamada Chihiro, que começa um percurso cheio de perigos e obstáculos. No primeiro momento em que assisti a essa animação, pensei que era somente uma criança que estava passando por muitas mudanças, como a pré-adolescência e a mudança para uma nova cidade. Porém, percebi que ela começa a lidar com seus medos e inseguranças nesse mundo mágico ao passar por várias situações perigosas. No final, a personagem principal ganha maturidade e coragem, sendo, assim, capaz de superar desafios impossíveis para ajudar os outros e seus pais.

Confesso que assistir a essa animação naquele momento foi um divisor de águas para mim. A trajetória de Chihiro me ajudou a entender que a vida é repleta de altos e baixos, algo que todos nós experimentamos em algum momento. Além disso, o relacionamento dela com Haku me ensinou que a separação deles não é o fim, mas sim uma transição para um estado diferente de existência. Portanto, passei a ver que a morte de minha mãe não foi um fim, mas sim uma mudança para algo completamente novo. Acredito que, como Chihiro e Haku, ela ainda está presente, orientando-me e me protegendo. Como resultado, esse filme me ajudou a ter a força para superar minhas próprias dificuldades e acreditar que há uma luz no fim do túnel, mesmo nos momentos mais difíceis.

Quando cheguei ao quarto bloco do curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, ministrada pela professora Renata Cristina da Cunha, cursei o componente curricular de Crítica Literária (2021. 2). Foi nessa disciplina que tive, pela primeira vez, a curiosidade de explorar o problema de pesquisa que me

motiva hoje. A disciplina me fez descobrir diversos estudos literários, incluindo Queer, Pós-Colonial, Afro-Americano, Feminismo, Marxismo e Psicanálise. Foi essa experiência que despertou meu interesse pelo assunto, especialmente pelos estudos marxianos.

Pouco tempo depois, acabei apresentando o artigo *A VIAGEM DE CHIHIRO (2001): O encontro improvável entre o capitalismo e o mundo espiritual, à luz da corrente marxista* em um evento acadêmico conhecido como *Sinelmic*. Foi uma experiência nova e gratificante por estar apresentando as minhas ideias a outras pessoas. Além disso, incentivada pela minha orientadora e pelo meu desejo de poder ver o meu artigo publicado no meio acadêmico, aspirando que mais pessoas pudessem ver e conhecer sobre *A viagem de Chihiro (2001)*, eu o enviei para um periódico, conhecido *EccoS – Revista Científica*. Foi uma angustiante esperar pela resposta da revista. Após vários meses, a tão esperada resposta chegou no formato de “aceito para publicação” e em poucos dias o meu sonho se tornou realidade.

Neste cenário, meu amor pela cultura asiática, em especial a japonesa, fundiu-se com o desejo de expandir o artigo escrito durante a disciplina de Crítica Literária, que buscava examinar a animação de *A viagem de Chihiro (2001)* a partir dos estudos marxianos. Como resultado, o meu anseio de saber mais sobre esses estudos crescia a cada dia. Dessa forma, o componente curricular de Crítica Literária serviu como divisor de águas para o desenvolvimento do meu olhar crítico, abrindo meus olhos para a riqueza e complexidades das obras literárias e das relações humanas que me cercam.

Dessa maneira, os estudos marxianos nos convidam a enxergar os fatos por outras lentes teóricas, reconhecendo que “[...] for Marxism, getting and keeping economic power is the motive behind all social and political activities, including education, philosophy, religion, government, the arts, science, technology, the media, and so on” (Tyson, 2023, p. 54)⁶. No palco da primeira metade do século XIX, acendeu um movimento ousado: o Marxismo. Nascido da indignação contra a opressão da classe burguesa sobre o proletariado, esse ideal buscava libertar os trabalhadores e erguer uma sociedade em que a igualdade reinasse.

Sob esse olhar, emergem questões cruciais relacionadas às classes sociais que foram surgindo. Nesse sentido, Karl Marx e Friedrich Engels (2007, p. 63) afirmam que “[os] indivíduos singulares formam uma classe somente na medida em que têm de promover uma luta contra uma outra classe [...]”. Por esse motivo, essa questão retoma o debate sobre a divisão da sociedade entre duas classes: a burguesia e o proletariado. De acordo com Lois Tyson (2023,

⁶ “[...] para o Marxismo, obter e manter o poder econômico é o motivo por trás de todas as atividades sociais e políticas, incluindo educação, filosofia, religião, governo, artes, ciência, tecnologia, mídia e assim por diante” (Tyson, 2023, p. 54, tradução nossa).

p. 52): o Marxismo divide as pessoas de uma maneira muito significativa, sendo “between the ‘haves’ and the ‘have-nots’, between the bourgeoisie – those who control the world’s natural [...] and the proletariat, the majority of the global population who live in substandard conditions [...]”⁷. Como Lois Tyson (2023) afirma que essa disparidade gritante entre “os que têm” e “os que não têm” é a essência dos Estudos Marxista ao capitalismo. Resultando na acumulação de capital se dá às custas do trabalho explorado da classe trabalhadora, perpetuando um ciclo de desigualdade e injustiça.

Além disso, a existência da desigualdade entre as classes sociais revelou um conflito inerente: a luta de classes. De um lado, encontra-se a burguesia, detentora dos meios de produção e impulsionada pela incessante busca pela maximização dos lucros. De outro, o proletariado, a classe trabalhadora, que vende sua força de trabalho em troca de salários precários. Marx e Engels (2010, p. 64) afirmam que essa luta entre as classes sociais “[...] não se trata de modificar a propriedade privada, mas de aniquilá-la, não se trata de camuflar as contradições de classe, mas de abolir as classes; não se trata de melhorar a sociedade vigente, mas de fundar uma nova”.

Com base nesse ideal, compreendemos que a burguesia detinha o controle sobre os meios de produção, enquanto o proletariado produzia as mercadorias, mas o lucro permanecia com a classe dominante. Essa situação tornava a vida dos trabalhadores mais difícil e cheia de problemas. Para Marx e Engels (2010), a solução não passava pela manutenção do poder burguês, mas sim pela eliminação desse poder, uma vez que apenas a burguesia controlava todos os aspectos da produção. Assim, o objetivo era não ocultar essa problemática, mas acabar com a divisão entre dominantes e dominados, promovendo a criação de uma sociedade igualitária.

Portanto, julgamos necessário usar os pressupostos da Literatura, para apresentar o *corpus* da pesquisa, *A viagem de Chihiro* (2001), no sentido de observar o enredo a partir dos estudos marxianos. Com isso, a Literatura assumiu o papel de ampliar o nosso senso comum e o enriquecimento intelectual e cultural sobre a realidade.

Dirigido pelo diretor Hayao Miyazaki, um dos co-fundadores do Studio Ghibli, o filme de animação revela a história de vida/fantasia de uma garota que está mudando de cidade com seus pais. Durante a viagem, acabam se perdendo no caminho para sua nova casa, consequentemente acabam descobrindo um mundo secreto repleto de espíritos, criaturas e

⁷ “entre os ‘que têm’ e os ‘que não têm’, entre a burguesia – aqueles que controlam os recursos naturais [...] – e o proletariado, a maioria da população mundial que vive em condições precárias e que sempre realizou o trabalho braçal [...]” (Tyson, 2023, p. 54, tradução nossa).

feitiçaria. A partir daí, começamos a acompanhar a trajetória de Chihiro, que passa por diversos obstáculos ao longo da obra para libertar os seus pais.

Ao utilizarmos as lentes marxistas, a animação nos mostra mensagens úteis sobre como a sociedade trata os trabalhadores e as diferenças entre as classes sociais, a partir da protagonista, uma vez que ela é forçada a trabalhar na casa de banho para sobreviver e conseguir libertar seus pais. Por fim, a exploração dos trabalhadores é um problema que ainda hoje convivemos, sendo necessário lutar por mudanças, para que todas as pessoas possam ter oportunidades iguais, independentemente de suas classes.

Nesse sentido, esta pesquisa se propôs a responder à seguinte questão: como a relação social existente entre Yubaba e Chihiro estabelece e tensiona a diferença de classes na animação *A viagem de Chihiro* (2001)? A fim de responder a essa questão, determinamos o seguinte objetivo geral: investigar a relação social existente entre Yubaba e Chihiro estabelece e tensiona a diferença de classes na animação *A viagem de Chihiro* (2001). Com intuito de alcançar o objetivo geral, foram definidos três objetivos específicos: (I) discutir os pressupostos teóricos da estudos marxianos; (II) compreender como a personagem Chihiro representa a classe dos trabalhadores e as formas como ela resiste às opressões; (III) identificar como a personagem Yubaba personifica a classe da burguesia e como ela pratica a opressão e a exploração em relação aos trabalhadores. Para alcançar esses objetivos, realizamos uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, de natureza exploratória e de cunho interpretativista.

De acordo com Rosângela Schwarz Rodrigues e Patrícia da Silva Neubert (2023, p. 43), uma pesquisa bibliográfica acontece por meio da coleta de “[...] materiais publicados, com o objetivo de proporcionar ao pesquisador contato com o conhecimento produzido, recolher informações e compreender a teoria relacionada ao objeto de pesquisa”, devido a isso, compreendemos o embasamento teórico existente sobre o *corpus* da pesquisa a partir de outras pesquisas realizadas, que foram publicadas sobre estudos marxianos.

De modo geral, a realização da pesquisa bibliográfica seguiu os seguintes passos: primeiramente, foi feito um levantamento bibliográfico das obras publicadas nos últimos cinco anos sobre os estudos marxianos e seus principais autores; em seguida, realizamos fichamentos das leituras, construindo o arcabouço teórico necessário para abordar o tema em discussão; além disso, analisamos a animação *A viagem de Chihiro* (2001), disponível no serviço de streaming Netflix, com o objetivo de descrever a obra e estabelecer critérios de inclusão e exclusão de dados para a investigação. Por fim, realizamos uma análise interpretativa das cenas e excertos selecionados, que se relacionam diretamente com a nossa revisão de literatura.

Com a realização da pesquisa, em âmbito social, pretendeu-se demonstrar o anseio de explorar as disparidades sociais e econômicas em nossa sociedade. Cabe ressaltar que a persistência das classes sociais, mantidas e perpetuadas pelo sistema capitalista, gera diversos impactos negativos na vida das pessoas. O capitalismo, em vigor desde a Revolução Industrial do século XVIII, influencia a sociedade atual, estimulando o desenvolvimento tecnológico e econômico, além disso, gera questionamentos e desilusões com esse sistema econômico. A partir desse contexto do século XVIII, devemos pensar o contexto do século atual, pois a discussão que envolve a questão da jornada de trabalho não é um tema atual, mas de séculos anteriores.

De acordo com o *portal G1*, a proposta de redução da jornada de trabalho, que já alcançou assinaturas e será protocolada, conforme aponta a deputada Erika Hilton, representa uma pauta histórica da classe trabalhadora. Essa pauta busca melhorar as condições de vida pessoal e profissional dos trabalhadores, visando, assim, evitar a exploração. Trata-se de um direito frequentemente reduzido devido à necessidade das grandes empresas de maximizar a produção e o lucro. Toda essa questão representa um passo significativo da classe trabalhadora em busca de conquistas sociais que melhorem suas vidas e seus direitos. No entanto, o setor empresarial resiste, temendo os possíveis impactos econômicos que essa PEC pode causar.

No âmbito acadêmico, espera-se deixar nossa contribuição para uma área de estudos pouco discutida. Pois a pesquisa propõe uma abordagem que ainda não existe nesse campo de estudo, podendo, assim, encorajar mais trabalhos dentro do assunto abordado. Além disso, ao consultar o acervo bibliográfico digital dos trabalhos de conclusão do curso de Letras-Inglês da Universidade Estadual do Piauí — Campus Professor Alexandre Alves de Oliveira⁸, não foi encontrada nenhuma pesquisa acerca dos estudos marxianos. Dessa forma, a animação nipônica *A viagem de Chihiro* (2001) enfatiza a relevância desta investigação, tanto no incentivo da discussão intercultural entre o Oriente e o Ocidente quanto na discussão entre as pesquisas. Dessa maneira, esta investigação permite demonstrar como a cinematografia pode ser utilizada para criticar a sociedade capitalista.

Quanto à estrutura, esta monografia é composta pelas considerações iniciais e finais, o primeiro capítulo é dedicado à revisão de literatura, em que são apresentados os fundamentos estabelecidos na introdução. Neste capítulo se realiza uma abordagem dos estudos marxianos a partir de Marx e Engels (2010), Terry Eagleton (2011), Lenin (1977), entre outros; por último,

⁸ Link do banco digital de TCCs: <https://sites.google.com/phb.uespi.br/letrasingles/banco-de-tccs?authuser=0>.

ressaltamos sobre os conceitos utilizando nessa pesquisa segundo Raymond Williams (1985), Vladimir Lênin (2004), Wright (1997), dentre outros.

No segundo capítulo, apresenta-se o *corpus* escolhido para esta investigação, incluindo a apresentação das personagens Chihiro e Yubaba. Nesse contexto, são analisadas as cenas e diálogos previamente escolhidos para responder à indagação deste estudo e, dessa maneira, atingir os objetivos estabelecidos. Para reforçar nossas perspectivas, estamos utilizando os pensamentos de autores como Marx e Engels (2010), Rowcroft (2022), Engels (1984), dentre outros.

Por fim, no âmbito pessoal, esta pesquisa contribui diretamente na vida da pesquisadora, afinal, este estudo acarreta uma oportunidade para aprofundar o conhecimento teórico e a capacidade de senso crítico, permitindo-lhe trabalhar com um tema que sempre despertou o seu interesse. Da mesma forma, como futura professora, este estudo possibilitará compartilhar com seus alunos sua paixão pelos estudos marxianos e pelas animações.

2 DOS ESTUDOS MARXIANOS À LUTA DE CLASSE

Este capítulo apresenta a revisão de literatura que serve de base para a pesquisa. Para melhor entender a proposta da análise, é necessário estabelecer uma organização. Deste modo, este capítulo é organizado em quatro seções secundárias, abordando os tópicos mais amplos até os mais específicos.

Inicialmente, apresentamos os pressupostos dos estudos marxianos a partir das discussões de Marx e Engels (2010), Terry Eagleton (2011), entre outros. Depois disso, trataremos sobre classes sociais à luz dos entendimentos de Raymond Williams (1985), Vladimir Lênin (2004), Andrew Rowcroft (2022), Marx e Engels (2007) e Erik Olin Wright (1996). Adiante, discutiremos sobre as divisões de classes sociais sob a perspectiva de Engels (1984), Marx (2015) e outros. Por fim, abordamos as lutas de classes fundamentadas em Marx e Engels (2010) e Engels (1984) e outros autores.

2.1 ESTUDOS MARXIANOS

Antes de mergulhar na discussão acerca dos estudos marxianos, é crucial compreender o que é exatamente o Marxismo. Para muitos, o termo “Marxismo” evoca imagens de ideologias de esquerda, enquanto outros o associam a setores da direita, entretanto, é necessário reconhecer que o marxismo não se resume a uma doutrina imutável e única, mas sim a um conjunto de aspectos e interpretações diversas dentro dessa tradição. Além disso, todas as informações acerca desse assunto necessitam de questionamentos e discussões válidas, visto que é preciso embasamento para justificar qualquer afirmação, embora o Marxismo se apresenta como um tema amplo e em constante mutação, que está sujeito a diferentes crenças e críticas (Netto, 2006).

Segundo Jorge Grespan (2021), o Marxismo teve como principais idealizadores os alemães Karl Marx e Friedrich Engels, que se dedicaram a analisar e compreender as contradições e desigualdades presentes na sociedade capitalista. Isso ocorre pelo fato de ser muito além de um simples apanhado de comentários e lições, buscando revelar as possíveis ilusões feitas pelo capitalismo e a dependência dele. Assim, o objetivo central desse vasto campo de estudos era a transformação da sociedade, combatendo as desigualdades e buscando uma sociedade mais justa e igualitária, o que fez com que Marx dedicasse grande parte de sua vida à análise das nuances da sociedade burguesa, tornando-a tema central de suas obras e estudos.

Ademais, é crucial analisarmos o desenvolvimento histórico do Marxismo, entrelaçando suas raízes na natureza social e econômica da época para, então, conseguirmos interpretar as suas ideias. Em outras palavras, explicar de que maneira essas ideias progrediram ao longo do tempo e de que jeito elas se relacionam com as condições sociais da época. Diante disso, cabe-nos realizar uma reflexão sobre as origens do Marxismo, reconhecendo que este não surgiu de forma isolada, mas sim como resposta às condições sociais e econômicas do período, afirma (Mandel, 1994). A fim de que olhemos para essas situações e consideremos sua relevância até hoje, evidenciando que o marxismo não é apenas mais uma mera teoria, configurando-se como uma lente crítica para a construção de uma sociedade mais justa.

Em vista disso, o Marxismo se origina do estudo das disparidades sociais e econômicas, tendo como foco central a análise da sociedade capitalista e suas contradições inerentes. Conforme Ernest Mandel (2011), o pensamento marxista se caracteriza como um estudo de conceitos nascido a partir de um movimento real no qual lutava pela emancipação econômica do proletariado. Logo, em vez de uma teoria abstrata, o Marxismo se constitui como um conjunto de ideias formado com base na necessidade e experiências percebidas pelo proletariado no contexto da exploração capitalista.

Em consonância, José Paulo Netto (2006) comenta que esse movimento teve início durante a primeira metade do século XIX, na Europa Ocidental, em uma situação de estabelecimento da sociedade burguesa por meio da Revolução Francesa e revoltas do proletariado em 1848, que tentava difundir a questão da dominação da burguesia. Considerando o que foi dito, o pensamento de Marx estava correto ao se preocupar em entender e combater a soberania burguesa, “[...] porque uma parcela considerável das polêmicas em torno do pensamento de Marx parte tanto de motivações científicas quanto de recusas ideológicas — afinal, Marx nunca foi um obediente servidor da ordem burguesa [...]” (Netto, 2006, p. 11). Diante disso, percebemos que a burguesia era detentora dos recursos e do poder econômico, controlando a classe dos trabalhadores. Como resultado, Netto (2006) afirma que Marx não acreditava na burguesia, pois ela prometia liberdade e igualdade para todos, mas, na prática, isso não ocorria.

Ao estudarmos o contexto histórico da Inglaterra sobre o Marxismo, é possível perceber qual foi o seu papel para a expansão do pensamento marxista. Devido ao rápido desenvolvimento da industrialização e da exploração da classe trabalhadora, o sistema econômico dessa nação rapidamente aumentou, revelando uma conexão ao capitalismo (Marx; Engels, 2010). Segundo os autores anteriormente citados, a Revolução Industrial radicalizou a sociedade britânica, principalmente a classe trabalhadora, que estavam expostas a jornadas

prolongadas de serviços e condições de trabalho precárias. Além disso, a Inglaterra precisou de outro movimento de luta importante, assim, o Movimento Cartista contribuiu para a disseminação das ideias de Marx e Engels. Dessa forma, entender a história e o contexto da Inglaterra é fundamental para compreender o desenvolvimento do marxismo e suas implicações até hoje.

Em vista disso, Friedrich Engels (2020) comenta sobre as transformações que aconteceram na Inglaterra durante a Revolução Industrial, explicando que:

Whilst in France the hurricane of the Revolution swept over the land, in England a quieter, but not on that account less tremendous, revolution was going on. Steam and the new tool-making machinery were transforming manufacture into modern industry, and thus revolutionizing the whole foundation of bourgeois society. The sluggish march of development of the manufacturing period changed into a veritable storm and stress period of production. With constantly increasing swiftness the splitting-up of society into large capitalists and non-possessing proletarians went on⁹ (Engels, 2020, p. 48).

Isto é, o teórico compara a Revolução Francesa, embora mais violenta, com a revolução mais silenciosa ocorrida na Inglaterra, além disso, salienta que as inovações criadas para a produção de mercadorias estavam se transformando em uma indústria. Para culminar, essas mudanças acabaram beneficiando a classe burguesa, pelo motivo de que essas transformações aconteceram de modo acelerado e intenso, enquanto a era da manufatura era de maneira lenta e gradual. Consequentemente, a transição da manufatura para a industrialização, o abismo de desigualdade entre a classe burguesa e a classe do proletariado, só continuou a aumentar. De fato, os grandes capitalistas se tornavam cada vez mais ricos e poderosos, enquanto os trabalhadores estavam ficando cada vez mais pobres.

Cabe ressaltar as palavras de Marx e Engels (2015) em que o pensamento marxista é relevante para compreendermos as suas ideias, na medida que não se resumem apenas à análise teórica do movimento, mas também a um viés prático que surge a partir de nossa realidade social. Portanto, é essencial não reduzir o marxismo a um mero ponto de vista econômico ou a uma concepção simplista que subestima a relevância das suas ideias. Pelo motivo no qual admite profundidade das relações entre a base material e as formas de consciência social, destacando o poder dos pensamentos terem um papel ativo na transformação da sociedade.

⁹ “Enquanto em França o furacão da Revolução varreu a terra, em Inglaterra estava em curso uma revolução mais silenciosa, mas nem por isso menos tremenda. O vapor e a nova maquinaria de fabrico de ferramentas estavam a transformar a manufatura em indústria moderna, revolucionando assim toda a base da sociedade burguesa. A marcha lenta do desenvolvimento do período manufatureiro transformou-se num verdadeiro período de tempestade e tensão da produção. Com uma rapidez cada vez maior, a divisão da sociedade em grandes capitalistas e proletários sem posses prosseguiu” (Engels, 2020, p. 48, tradução nossa).

Além das contribuições de Netto (2006), também são fundamentais para as análises marxistas os estudos de Mandel (1994; 2011) e Grespan (2021). Ademais, “[a] crítica marxista analisa a literatura em termos das condições históricas que a produzem; e ela precisa, de maneira similar, estar ciente de suas próprias condições históricas” (Eagleton, 2011, p. 8). Os estudos marxianos¹⁰, portanto, investigam a literatura considerando a época e as circunstâncias históricas em que ela foi produzida.

Com isso, Eagleton (2011, p. 10) observa que o estudo marxista “[...] faz parte de um conjunto mais amplo de análises teóricas que tem como objetivo entender ideologias – as ideias, os valores e os sentimentos por meio dos quais os homens vivem e concebem a sociedade em diversas épocas”. Nesse contexto, Eagleton (2011) discute que os estudos marxianos buscam compreender como as obras em diferentes épocas contribuem para a formação das ideologias, visto que a literatura não é apenas um reflexo da realidade, mas um espaço em que as ideias, valores e sentimentos são articulados, criticados e contestados.

Por fim, considerando o que foi exposto nesta seção, é possível compreender que os estudos marxianos nos permitem interpretar e analisar as diversas mudanças e contradições da sociedade, levando em conta as relações de poder, as desigualdades sociais e o sistema capitalista. Dessa forma, precisamos entender as suas raízes, por meio dos pensadores que o desenvolveram (Karl Marx e Friedrich Engels), apresentando as estruturas sociais e econômicas desenvolvidas pelo sistema capitalista e a maneira de quebrar essas ilusões, tendo o interesse de promover uma sociedade mais justa.

Em suma, é necessário destacar a importância de compreender a respeito dos estudos marxianos não somente para analisar as dinâmicas econômicas e sociais do capitalismo, mas também para explorar as desigualdades vividas pela classe trabalhadora. Diante disso, os principais conceitos desta pesquisa serão explorados a seguir, a fim de investigar o surgimento dos conflitos entre Chihiro e Yubaba e a relação desenvolvida ao longo da animação.

¹⁰ Embora existam diversos termos no campo dos estudos marxiano, como crítica marxista, crítica literária marxista, corrente marxista, entre outros, optamos por utilizar o termo “estudos marxiano”, pois ele se adequa de maneira mais precisa à nossa problemática de pesquisa que seria estudar suas formas, estrutura estéticas, dimensões históricas, tendo em vista o acervo artístico, literário e cultural. Embora outros autores como Lênin (2004), Rowcroft (2022), Marx e Engels (2007), Wright (1996) e entre outros apareçam, eles estão muito na seara marxiana do que uma seara marxista da 3ª ou 4ª internacional.

2.1.1 Classes Sociais

A palavra classe tem a sua origem no latim *classis* e é marcada por ambiguidades devido ao uso variado para descrever divisões sociais. Inicialmente, o termo referia-se à história romana, mas, com o tempo, passou a designar qualquer divisão ou grupo. A partir do século XIX, emergiu uma nova ideia de classe inspirada pelo Marxismo, devido ao desenvolvimento do capitalismo “[...] the tripartite division was more and more replaced by a new binary division: in Marxist language the *bourgeoisie* and the *proletariat*” (Williams, 1985, p. 67)¹¹.

As classes sociais podem ser visualizadas como um mosaico, em que cada peça representa grupos com funções específicas. A definição de classes sociais sintetizada por Vladimir Lênin é descrita por diversos autores como o melhor conceito do termo:

Chamam-se classes sociais aos grandes grupos de homens que se diferenciam pelo seu lugar no sistema historicamente determinado de produção social, pela sua relação (na maioria dos casos confirmada e precisada nas leis) com os meios de produção, pelo seu papel na organização social do trabalho e, por conseguinte, pelos meios de obtenção e pelo volume da parte da riqueza social de que dispõem. As classes são grupos de pessoas, um dos quais pode apropriar-se do trabalho do outro graças ao facto de ocupar um lugar diferente num regime determinado de economia social (Lênin, 1977, on-line).

Para Lênin (1977), as classes sociais se distinguem pela relação com os meios de produção, pela organização do trabalho e pelos métodos de obtenção de riqueza. Seguindo essa perspectiva, Andrew Rowcroft (2022) afirma que as classes não são posições fixas ou meros ‘status’ na sociedade, mas relações sociais dinâmicas. Nesse contexto, Rowcroft (2022) sustenta que as relações sociais entre diferentes grupos são fundamentais para definir as classes, essas relações são principalmente relacionadas à produção e ao trabalho, de forma que a presença de uma classe está fortemente ligada à existência de outra classe: a classe capitalista, conhecida como burguesia, a qual depende da mão de obra do proletariado para obter lucro, enquanto o proletariado precisa vender seu trabalho para se sustentar.

Tanto Lênin (1977) quanto Rowcroft (2022) destacam que as classes sociais derivam das relações sociais estabelecidas no sistema produtivo, indo além de posições fixas na sociedade. Nesse sentido, Marx e Engels (2007) introduzem o conceito de classes sociais como uma forma de analisar as transformações sociais e econômicas:

¹¹ “[...] a divisão tripartida foi cada vez mais substituída por uma nova divisão binária: na linguagem marxista, a burguesia e o proletariado” (Williams, 1985, p. 67, tradução nossa).

[...] de resto, eles mesmos se posicionam uns contra os outros, como inimigos, na concorrência. Por outro lado, a classe se autonomiza, por sua vez, em face dos indivíduos, de modo que estes encontram suas condições de vida predestinadas e recebem já pronta da classe a sua posição na vida e, com isso, seu desenvolvimento pessoal; são subsumidos a ela. É o mesmo fenômeno que o da subsunção dos indivíduos singulares à divisão do trabalho e ele só pode ser suprimido pela superação da propriedade privada e do próprio trabalho (Marx, Engels, 2007, p. 63).

A partir disso, Marx e Engels (2007) enfatizam que as classes sociais não são agregações imprevistas de indivíduos, mas constituem entidades formadas por conflitos comuns. Essas classes delinham a vida dos indivíduos que as compõem, estabelecendo uma relação com sua posição social. Rowcroft (2022, p. 94) afirma que “Marx treats classes in objective terms, in respect to their relationship to private property and the means of production (the bourgeoisie own factories; the proletariat have only labour power)”¹². Logo, o autor supracitado, discute que Marx analisa as classes como dois grupos sociais que têm uma posição específica e definida na estrutura econômica e societária, com base nas relações materiais.

É importante observar que a terminologia de classes sociais é definida não apenas por suas características individuais, mas principalmente pelas relações sociais e econômicas que surgem dos modos de produção e da distribuição de recursos. Para isso, Rowcroft (2022, p. 94) argumenta que essa definição ocorre devido à luta de interesses entre diferentes classes sociais. Nesse processo, é difícil de conseguir a liberdade em uma sociedade dominada por relações de exploração, como também destaca Erik Olin Wright (1996, p. 2): “[...] class analysis is based on the conviction that class is a pervasive social cause and thus it is worth exploring its ramifications for many social phenomena”¹³.

Além disso, observa-se que a existência de classes sociais está intrinsecamente vinculada ao trabalho. Segundo Lois Tyson (2023), essa divisão baseia-se sobre os “que têm” e os “que não têm”, nesse sentido, a burguesia como proprietária dos meios de produção, não participa diretamente da criação de suas riquezas, mas se apropria da mais-valia gerada pelo proletariado. Assim, a riqueza da burguesia é construída a partir da exploração do trabalho daqueles que “não têm”, ou seja, dos trabalhadores.

O proletariado, que vende sua força de trabalho aos “que têm”, recebe apenas uma fração da riqueza que produz, na forma de salário, sendo o valor apropriado pela burguesia como lucro. Assim, o que o proletariado gera em termos de valor é muito superior ao que recebe

¹²“Marx trata as classes de maneira objetiva, em relação à sua posição frente à propriedade privada e aos meios de produção (a burguesia possui fábricas; o proletariado possui apenas a força de trabalho)” (Rowcroft, 2022, p. 94, tradução nossa).

¹³“[...] a análise de classe é baseada na convicção de que a classe é uma causa social abrangente e, portanto, vale a pena explorar suas implicações para muitos fenômenos sociais” (Wright, 1997, p. 2, tradução nossa).

como pagamento. Marx (1983, p. 54) afirma que o “trabalho no qual desaparece a individualidade dos trabalhadores. O trabalho que cria o valor de troca é, pois, trabalho geral-abstrato”. Dessa forma, o trabalho passa a ser uma atividade mecânica, na qual, as habilidades únicas de cada ser humano não se fazem notar. Por exemplo, em uma fábrica, em que o trabalhador repete as mesmas ações sem espaço para criatividade. Nesse contexto, o que realmente importa é apenas o tempo dedicado da pessoa à produção, enquanto outros aspectos ficam fora de sua atenção.

Com isso, Marx (2013) argumenta que o valor da força de trabalho, representado pelo salário, é determinado por necessidades básicas como alimentação, moradia e vestuário. No entanto, os salários muitas vezes não cobrem essas necessidades, pois “[o] processo de consumo da força de trabalho é, ao mesmo tempo, o processo de produção de mercadoria e de valor excedente (mais-valia) [...]” (Marx, 2013, p. 201). Nesse cenário, Marília Souza (2020) enfatiza que o processo de trabalho visa, principalmente, gerar lucro, transformando matérias-primas em produtos com a contribuição do proletariado, enquanto a burguesia se apropria da mais-valia.

Porém, Marx (2013) divide a mais-valia em duas categorias conhecidas como a mais-valia absoluta e mais-valia relativa:

A mais-valia relativa é absoluta por exigir a prolongação absoluta da jornada de trabalho além do tempo necessário à existência do trabalhador. A mais-valia absoluta é relativa por exigir um desenvolvimento da produtividade do trabalho que permita reduzir o tempo de trabalho necessário a uma parte da jornada de trabalho (Marx, 2013, p. 611).

Assim, a mais-valia é um dos pilares para a existência, que sustenta o desenvolvimento das desigualdades sociais do capitalismo, pois à medida que mais mercadorias e riquezas são produzidas, ocorre a exploração dos trabalhadores, o que está intrinsecamente ligado à mais-valia (Macedo; Almeida, 2020). Além disso, Marx (2013, p. 228) aponta “[o] processo de produzir valor simplesmente dura até o ponto em que o valor da força de trabalho pago pelo capital é substituído por um equivalente [...] esse ponto, [...] torna-se processo de produzir mais-valia (valor excedente)”, ele compreendia que a mais-valia absoluta impactava diretamente o processo produtivo do trabalhador, que continuava a trabalhar para gerar valor além do necessário para sua sobrevivência, enquanto quem lucrava com isso era a burguesia.

Em síntese, percebe-se que as classes sociais não são apenas divisões fixas ou posições estáticas na sociedade, mas são resultados das relações estabelecidas entre grupos sociais e os meios de produção. Pois, de um lado, temos a burguesia, que detém o controle desses meios,

beneficia-se da exploração do proletariado, cuja única posse é sua força de trabalho. Dessa dinâmica, surge a exploração e a mais-valia: o lucro excedente gerado pelo trabalho do proletariado pela burguesia.

2.1.2 Divisão de Classes Sociais

Conforme Engels (1984), as condições históricas da época levaram ao desenvolvimento do ramo de produção, aumentando a necessidade de mão de obra e ocasionando a primeira divisão social do trabalho, que utilizou qualquer tipo de força de trabalho. No entanto, essa escolha resultou em problemas como a escravidão. Por isso, a sociedade capitalista acaba se dividindo “[...] em duas classes: senhores e escravos, exploradores e explorados” (Engels, 1984, p. 181).

Na mesma direção, Marx (2015) expõe que as únicas classes existentes na sociedade capitalista era a classe trabalhadora e a classe capitalista. Em contrapartida, Engels (1984, p. 184) argumenta que “[a] diferença entre ricos e pobres veio somar-se à diferença entre homens livres e escravos; a nova divisão do trabalho acarretou uma nova divisão da sociedade em classes”. Portanto, a economia e os meios de produção mudaram com a estrutura social, mas criaram formas de desigualdade e divisão social que continuaram a explorar a classe dos trabalhadores, até extorquir todas as suas forças.

Além disso, Marx e Engels (2010) argumentam que as classes sociais se dividem de forma fundamental em dois principais grupos: a burguesia e o proletariado. Ou seja, senhores e exploradores passam a ser conhecidos com burguesia, que detém o poder dos meios de produção explorando muitas vezes a outra classe. Já os escravos e explorados, conhecidos agora como proletariado, vendiam a sua força de trabalho para melhores condições de vida. Essa divisão causou muitos problemas para a classe do proletariado, que já sofria por sobreviver para ser manipulada pela classe burguesa que tinha o poder com a exploração tanto econômica quanto ideológica, mantendo, assim, as massas oprimidas e garantindo a perpetuação das desigualdades. É importante destacar, também, um ponto na separação das classes que é evidenciado por Engels (2010), em nota do *Manifesto Comunista*, na edição inglesa de 1888:

Por burguesia entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos assalariados modernos que, não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver (Engels, 2010, p. 40).

Engels diferencia a burguesia com pessoas que possuem meios de produção como, por exemplo, fábricas, terras e máquinas, controlando os recursos necessários para produzir serviços e bens por meio do trabalho do proletariado. O proletariado, por sua vez, era composto por pessoas que não tinham os meios de produção, então, para sobreviver, vendiam seu trabalho para a burguesia em troca de um salário.

Em adição, Wright (1996, p. 522) enfatiza que “[in] capitalist societies this led to the rigorous specification of two basic class locations: capitalists and workers within capitalist relations of production”¹⁴. Dessa maneira, percebemos como as duas classes são categorizadas: a burguesia organiza o processo produtivo e os trabalhadores participam desse processo em busca de condições.

Em “Grundrisse”, Marx (2015) argumenta que a sociedade continua dividida em classes sociais como patrões e trabalhadores. Dessa maneira, o sistema capitalista levava a concentração de poder nas mãos de poucos (burguesia), enquanto a maior parte da população encontra-se em uma posição cada vez mais desigual e desprotegida (proletariado). Como resultado, a divisão de classes se mostrava bruta, pois a classe trabalhadora não tinha condições de vida favoráveis em comparação com a burguesia.

Nesse sentido, “[...] o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, os quais só vivem enquanto têm trabalho e só têm trabalho enquanto seu trabalho aumenta o capital” (Marx; Engels, 2010, p. 46). Como resultado, compreendemos como a classe do proletariado vende a sua força de trabalho para a burguesia em troca de salário. Essa situação gera desigualdades e conflitos impulsionando a luta de classes.

Conforme discutem Renata Fontenele e Renata da Cunha (2024), quando o trabalhador não compreende que sua força de trabalho está sendo explorada, ocorre a alienação, pois ele não percebe a quantidade de tempo que dedica ao trabalho. Dessa forma, uma falsa ideologia é criada, na qual os trabalhadores não se veem como parte essencial da sociedade. O tempo que deveria ser destinado ao seu próprio bem-estar é consumido pelo trabalho excedente. De acordo com Marx e Engels (2010, p. 236): “[se] a classe operária não parece madura para suceder à burguesia, a razão essencial disso é a alienação de sua consciência de classe pela ideologia de um sistema de opressão”. Conclui-se que a perpetuação da alienação influencia ideologicamente os trabalhadores, fazendo com que eles não se sintam capazes de reconhecer suas condições para superar a classe burguesa.

¹⁴ “[nas] sociedades capitalistas, isto levou à especificação rigorosa de duas posições de classe básicas: capitalistas e trabalhadores, no âmbito das relações de produção capitalistas” (Wright, 1997, p. 522, tradução nossa).

À medida em que o trabalhador transforma sua própria vida em objeto de trabalho, chegando a sentir que sua força vital foi sugada, ocorrendo um processo de estranhamento denominado alienação. Ao passo que durante a produção do objeto, o homem se sente livre em suas funções animais, como comer, beber e procriar, enquanto em suas funções humanas sente-se como um animal. Vale ressaltar que, a característica que nos distingue dos animais, é justamente a nossa consciência (Marx, 2010).

A ideologia desempenha um papel fundamental na compreensão da verdadeira natureza humana, pois busca responder de onde provêm nossas ideias e como elas se desenvolvem. Segundo Raymond Williams (1985, p. 55), a ideologia pode ser dividida em três categorias: “(i) a system of beliefs characteristic of a particular class or group; (ii) a system of illusory beliefs—false ideas or false consciousness—which can be contrasted with true or scientific knowledge; (iii) the general process of the production of meanings and ideas”. Assim, a ideologia pode ser entendida tanto como um reflexo da posição de classe quanto como algo ilusório ou falso. No entanto, o proletariado busca superar as divisões de classe, aproximando suas crenças da verdade¹⁵.

Contudo, a ideologia serve somente para manter as relações de poder e a estrutura social existente, fazendo com que os resultados sejam naturais do esforço individual, ignorando as condições estruturais que favorecem a manutenção do status quo, incluindo até mesmo as oportunidades em que o sucesso é baseado exclusivamente no mérito pessoal, quando na realidade fatores como a classe social, o acesso à educação e a discriminação desempenham papéis significativos (Marx, 2007).

Em suma, conclui-se que as divisões de classes estão enraizadas nos meios de produção e na estrutura econômica, perpetuando desigualdades e conflitos entre a burguesia e o proletariado. Em razão dessa divisão, o proletariado é alienado de sua consciência, o que reforça a manutenção das opressões. Contudo, é por meio da luta que se apresenta a possibilidade de extinguir as classes sociais, desafiando a estrutura vigente.

2.1.3 Luta de classes

Segundo Marx e Engels (2010, p. 64), em *Lutas de Classes na Alemanha*, o propósito do proletariado no desenrolar dos conflitos de classe “[...] não se trata de modificar a

¹⁵ “(i) um sistema de crenças característico de uma classe ou grupo; ii) um sistema de crenças ilusórias – ideias falsas ou consciência falsa – que se pode contrastar com o conhecimento verdadeiro ou científico; iii) o processo geral da produção de significados e ideias” (Williams, 1985, p. 55, tradução nossa).

propriedade privada, mas de aniquilá-la, não se trata de camuflar as contradições de classe, mas de abolir as classes, não se trata de melhorar a sociedade vigente, mas de fundar uma nova”. Dessa maneira, o intuito da classe do proletariado é de promover reformas paliativas, buscando combater a desigualdade e a exploração, além de eliminar a divisão de classes para criar uma sociedade igualitária e justa.

De maneira similar, Marx e Engels (2010) afirmam que:

De tempos em tempos os operários triunfam, mas é um triunfo efêmero. O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união cada vez mais ampla dos trabalhadores. Esta união é facilitada pelo crescimento dos meios de comunicação criados pela grande indústria e que permitem o contato entre operários de diferentes localidades. Basta, porém, este contato para concentrar as numerosas lutas locais, que têm o mesmo caráter em toda parte, em uma luta nacional, uma luta de classes. Mas toda luta de classes é uma luta política. E a união que os burgueses da Idade Média, com seus caminhos vicinais, levaram séculos a realizar os proletários modernos realizam em poucos anos por meio das ferrovias (Marx, Engels, 2010, p. 48).

Desse modo, entende-se que Marx e Engels (2010) discutem que o processo de lutas é essencial para a emancipação do proletariado tanto quanto para a construção de uma sociedade sem classes. Afinal, esse processo se manifesta em revoltas e movimentos sociais, sendo uma dinâmica inevitável e necessária para a transformação social. Porém, sabe-se que esse processo é difícil para os trabalhadores, pois, sem trabalho não podem sobreviver na sociedade, embora necessitem analisar a existência das classes sociais para tentar mudar a sociedade atual.

Marx e Engels (2010) também argumentam que o conflito entre classes sociais está presente na História desde a antiguidade, desempenhando um papel crucial na promoção de mudanças históricas. Nesse cenário, esse embate impulsiona avanços e transformações nos âmbitos econômico, político e cultural. Dessa forma, a organização econômica de uma sociedade se estrutura com base em quem controla os meios de produção e quem trabalha neles, esses conflitos surgem porque as classes possuem interesses opostos: enquanto uma luta por melhores condições de vida e trabalho a outra busca maximizar lucros e preservar seu controle.

De acordo com Engels (1984, p. 195), “[...] o proletariado não está maduro para promover ele mesmo a sua emancipação, a maioria dos seus membros considera a ordem social existente como a única possível e, politicamente, forma a cauda da classe capitalista, sua ala da extrema-esquerda”. Com isso, é perceptível a falta de consciência de classe entre boa parte do proletariado, pois não reconhecem que são submetidos à exploração, dificultando, consequentemente, a sua emancipação.

Ademais, Marx e Engels (2010), ao descrever a revolta do proletariado contra a classe da burguesia, afirmam que não se tratava apenas de resistir contra o capitalismo e meios de

produção, mas de aniquilar as formas de exploração que sustentam o sistema capitalista, como as fábricas e as mercadorias. Além disso, essa luta buscava voltar a um modelo de sociedade medieval, como na Idade Média, pois durante essa época as relações de trabalho eram diferentes, com menos explorações e possivelmente mais protegidas. Tal situação resultou na fúria e desespero das classes do proletariado, que acabaram se rebelando contra as condições trabalhistas, a exploração e a opressão da classe burguesa, ocasionando a luta contra as relações de produção e contra os instrumentos de produção controlados pela burguesia, com o propósito de recuperarem sua liberdade.

Marx (2013) também aponta que a ascensão da luta de classes representou uma ameaça tão grande à sociedade capitalista que, em determinado momento, ela poderia ter sido completamente aniquilada:

A burguesia conquistara poder político, na França e na Inglaterra. Daí em diante a luta de classes adquiriu, prática e teoricamente, formas mais definidas e ameaçadoras. Soou o dobre de finados da ciência econômica burguesa. Não interessava mais saber se este ou aquele teorema era verdadeiro ou não; mas importava saber o que, para o capital, era útil ou prejudicial, conveniente ou inconveniente, o que contrariava ou não a ordenação policial. Os pesquisadores desinteressados foram substituídos por espadachins mercenários, a investigação científica imparcial cedeu lugar à consciência deformada e às intenções perversas da apologética (Marx, 2013, p. 22).

Nesse contexto, Marx (2013) explica que a burguesia conquistou a liderança política, o que lhe permitiu moldar o Estado para atender aos seus próprios interesses econômicos, como nos eventos da Revolução Francesa e a Revolução Industrial na Inglaterra. Com isso, os conflitos entre as classes se intensificaram, tanto nas lutas sociais quanto no campo teórico, tornando as divisões de classe mais evidentes e radicalizadas. Assim, a “ciência econômica” perdeu seu caráter crítico e passou a ser um instrumento a serviço exclusivo dos interesses da burguesia, fortalecendo sua posição e dificultando a resistência da classe trabalhadora.

Todavia, é importante pensar o papel das lutas de classe, em que a classe dos trabalhadores assumiria o poder dos meios de produção políticos e econômicos. Para Marx e Engels (2010, p. 48), “[o] verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união cada vez mais ampla dos trabalhadores”. Isso significa que ao invés de construir apenas vitórias a curto prazo, a luta de classes tentava construir a união dos trabalhadores como um todo, avançando em sua luta contra a exploração capitalista.

À medida que essa luta se intensificava, o proletariado começou a adquirir consciência de sua própria classe:

[...] o conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral (Marx, 2008, p. 24).

Segundo Marx, não são as ideias ou consciências dos indivíduos que moldam a sociedade, mas as condições sociais e materiais em que vivem, as quais, por sua vez, moldam suas consciências. Dentro dessa ideia, Tatiane Alves Macedo e Mateus Lopes (2016) afirmam que a consciência de classe está sempre ligada à luta de classes, pois, ao ocorrer a luta, os indivíduos passam a adquirir conhecimento sobre a realidade e os fundamentos da vida social em determinada época.

Nessa perspectiva, a luta de classes ocorre por meio das formas de produção na sociedade, culminando em uma revolução (Marx, 2010). Em *Princípios Básicos do Comunismo*, Friedrich Engels (1982) aborda a estratégia revolucionária no contexto da luta de classes, destacando a necessidade de abolir a propriedade privada e a ligação entre os meios de produção e o domínio político do proletariado.

Nesse sentido, Engels assegura que era essencial garantir recursos econômicos suficientes, pois, caso não se produzisse o necessário e haja excedente, continuaria existindo uma classe dominante — aquela que controla as forças produtivas da sociedade — e uma classe dominada e explorada. Assim, a revolução almejada pelo proletariado é um processo gradual, transformando a sociedade capitalista aos poucos. Portanto, a propriedade privada só será completamente eliminada quando o proletariado alcançar recursos suficientes para controlar os meios de produção e sustentar uma sociedade sem classes (Engels, 1982).

Para David Maciel (2014) a revolução permanente é central na estratégia revolucionária formulada por Marx e Engels durante o contexto das Revoluções de 1848. Somando a isso, a essência da revolução seria elevar o proletariado à posição de liderança como a classe dominante, capaz de conquistar o suporte das demais classes populares e tomar o controle político, isso também envolve a capacidade de unir o proletariado para alcançar o poder político, econômico e social.

Em síntese, os estudos marxianos, a partir dos conceitos sobre as classes, estão divididos entre a burguesia e o proletariado, em que um é detentor dos meios de produção, explorando a força de trabalho do proletariado que vende sua força de trabalho para sobreviver, resultando na perpetuação de desigualdades feitas pela classe dominante, assim como resulta na alienação, em que os trabalhadores não reconhecem sua condição de exploração devido à

ideologia estabelecida. Assim, o processo da revolução acontece de maneira gradativa para acabar com a estrutura capitalista e criar um novo modelo social.

3 CHIHIRO, YUBABA E AS RELAÇÕES DE PODER

Este capítulo tem como objetivo apresentar o *corpus* da pesquisa: *A viagem de Chihiro* (2001). Também apresentamos as personagens Chihiro e Yubaba, traçando os seus perfis e os personagens que se envolvem com elas. Além disso, visou-se relacionar como cada uma delas representa a burguesia e o proletariado, por meio da exploração e opressão em Chihiro e da forma como Yubaba lucra com a casa de banho enquanto explora seus funcionários.

Inicialmente, será apresentada a sinopse da animação para as pessoas que não a conhecem. Em seguida, é apresentado as personagens Chihiro e Yubaba, assim como os outros personagens que se relacionam com ambas. Após contextualizar a animação e as personagens, será apresentada as análises à luz dos estudos marxianos, dialogando com os conceitos de classes sociais, divisões de classes e lutas de classes. Para essa discussão, contamos com autores como Marx e Engels (2010), Hayao Miyazaki (2002), Vladimir Lênin (1997), Marx (2016), Ricardo Leal (2016), Sandra Dalmagro e Giovanni Frizzo (2023), Ana Flávia Rocha (2021), dentre outros.

3.1 VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DE A VIAGEM DE CHIHIRO?

Dirigida por Hayao Miyazaki, a animação nipônica escolhida como *corpus* desta pesquisa é 千と千尋の神隠し (*Sen to Chihiro no Kamikakushi*), conhecida no Brasil como *A Viagem de Chihiro*, lançada em 2001. A obra foi produzida pelo Studio Ghibli e venceu o óscar de melhor animação em 2003.

A história¹⁶ começa com Chihiro, uma menina de 10 anos que está se mudando para outra cidade com seus pais. No entanto, ela não está feliz por ter que deixar para trás sua antiga vida, os amigos e o lugar onde cresceu. Durante a viagem, a família acaba saindo da estrada asfaltada e entrando em um caminho de areia, nisso o pai de Chihiro, Akio Ogino, para o carro e se pergunta se errou o caminho para a nova casa. A mãe de Chihiro, Yuko Ogino, sugere que a casa deles deve ser a casa azul no sopé da montanha. Akio concorda e comenta que provavelmente passou da entrada, mas acredita que a estrada em que estão os levará à casa nova. No entanto, Yuko discorda dizendo que ele sempre acaba se perdendo. Nesse momento, Chihiro observa pequenas casinhas perto da árvore e pergunta à mãe o que são, logo, a mãe explica que são templos em que as pessoas rezam.

¹⁶ Sinopse criada pela própria autora.

Seguindo pelo caminho, a estrada os leva até um caminho de pedra que termina em um edifício vermelho misterioso, protegido por uma estátua de pedra com duas faces. Apesar dos pedidos de Chihiro para voltarem, seus pais decidem seguir em frente. Ao atravessarem o edifício, o qual lembra uma estação de trem abandonada com vitrais iluminados, chegam a uma torre com relógio e prados verdes, depois continuam caminhando e passam por um rio que estava seco.

Ao continuarem Chihiro e seus pais chegam a uma cidade vibrante e colorida, cheia de restaurantes e lojas, mas completamente deserta. Enquanto seus pais, encantados pela comida, começam a comer sem pensar, Chihiro decide explorar o local. Ela percebe traços da arquitetura ocidental japonesa nas fachadas e construções antigas. Durante o passeio, atravessa uma ponte e observa um trem passar por baixo. Nesse momento, um garoto misterioso a avisa que ela não deveria estar ali e que precisa sair antes de anoitecer, ou ficará presa. Assustada, Chihiro corre para avisar seus pais, mas os encontra transformados em porcos, vítimas de um feitiço. A comida que eles comeram fazia parte de uma oferenda aos espíritos. Agora, Chihiro está presa nesse mundo mágico e estranho. Ao longo da história, ela enfrenta desafios e perigos enquanto tenta quebrar o feitiço e salvar seus pais para que possam voltar ao mundo real juntos.

Optou-se por se referir a obra como uma animação, porque ela utiliza técnicas específicas do gênero para narrar a história. Além disso, o Studio Ghibli, responsável pela produção, é mundialmente conhecido por suas animações detalhadas e de alta qualidade, o que justifica essa classificação.

Assim, a animação não apenas representa a realidade, mas também cria universos e personagens fictícios que ganham vida, por meio do trabalho que combina movimento, cenários e narrativa envolvente. É, portanto, uma forma de expressão artística que nos permite manipular o tempo, o espaço e a matéria, dando vida a elementos inanimados e explorando os limites criativos da nossa imaginação. Além disso, a escolha de referenciar o filme como animação, em vez de desenho animado, é uma forma de reconhecer a qualidade e a importância artística do *corpus* da pesquisa, tendo como casualidade motivar a ideia de que a animação não é apenas para crianças. Assim, *A viagem de Chihiro* (2001) é um exemplo de como a animação pode ser usada para criar produções aclamadas, impactando culturalmente.

3.1.1 “Where is everybody?”¹⁷: Chihiro e Yubaba

A relação entre Chihiro e Yubaba é fundamental para compreendermos os conceitos problematizados nesta pesquisa, porém, devemos observar como elas se relacionam com outros personagens na animação. Segundo Hayao Miyazaki (2002, p. 15), “[...] this story is not a showdown between right and wrong. It is a story in which the heroine will be thrown into a place where the good and the bad dwell together, and there, she will experience the world”¹⁸. Ao ser subitamente transportada para um reino espiritual, Chihiro se vê obrigada a lutar pela própria sobrevivência e pela de seus pais.

O percurso de adaptação de Chihiro ao novo mundo a coloca em contato com as desigualdades sociais presentes nesse universo espiritual. A necessidade de lutar pela sobrevivência a faz perceber sua própria posição de subalternidade, similar à luta de classes descrita por Marx e Engels (2010, p. 49), é “[...] o processo de dissolução da classe dominante, de toda a velha sociedade, adquire um caráter tão violento e agudo, que uma pequena fração da classe dominante se desliga desta, ligando-se à classe revolucionária, à classe que traz nas mãos o futuro”. Do mesmo modo, Miyazaki (2002, p. 15) reforça essa ideia ao afirmar que “[...] Chihiro’s being strong enough not to be eaten up is just what makes her a heroine”¹⁹. Assim como na sociedade humana, Chihiro está imersa em um mundo em que as relações de poder e as disputas por recursos são evidentes.

Cabe ressaltar que a personagem de Chihiro é uma menina que possui dez anos, é possível observar na animação que ela é mimada pelos pais, devido ser filha única, dessa forma, é muito dependente até entrar no mundo espiritual. Chihiro sai de um estado de proteção, em que os seus pais a defendem dos perigos e entra em um ambiente em que precisa lutar para viver. Isso é descrito por Miyazaki (2002, p. 15): “[in] everyday life, where we are surrounded, protected, and kept out of danger’s way, it is difficult to feel that we are working to survive in this world. Children can only enlarge their fragile egos”²⁰. Uma vez que essa transição de um lugar seguro passa a ser um ambiente incerto, Chihiro é forçada a desenvolver sua

¹⁷Escolhemos esse excerto porque ele representa o primeiro contato presencial de Chihiro ao conhecer a cidade dos espíritos, em um momento em que ela ainda não havia entrado completamente no mundo espiritual.

¹⁸“[...] esta história não é confronto entre o certo e o errado. É uma história em que a heroína será lançada num lugar onde o bem e o mau moram juntos, e lá, ela vai experimentar o mundo” (Miyazaki, 2002, p. 15, tradução nossa).

¹⁹“[...] A força de Chihiro em não ser devorada é justamente o que a torna uma heroína” (Miyazaki, 2002, p. 15, tradução nossa).

²⁰“[na] vida cotidiana, em que estamos cercados, protegidos e afastados do perigo, é difícil sentir que estamos trabalhando para sobreviver neste mundo. As crianças só conseguem ampliar seus egos frágeis” (Miyazaki, 2002, p. 15, tradução nossa).

independência. Afinal, ela passa por diversos obstáculos ao longo da animação, fazendo com que amadureça e comece a ser mais corajosa.

Esse desenvolvimento da personagem é perceptível ao observarmos os elementos presentes na figura 2.

Figura 2 — Chihiro ao lado de uma estátua de pedra japonesa



Fonte: *A viagem de Chihiro*, 2001, 00:04:13 — 00:04:14

Na figura 2, está presente uma estátua que representa uma divindade da cultura japonesa que protegia as crianças, conhecido como Jizō (Travelless, 2016). Assim, a estátua simbolizaria uma proteção de Chihiro em sua jornada, mesmo que ela ainda não esteja ciente que isso significaria um marco indicando a passagem de um espaço mudando para um mundo espiritual repleto de desafios e aprendizado. Ainda sobre a figura 1, é o primeiro momento em que percebemos a quão mimada é Chihiro, pois se demonstra relutante em seguir seus pais, fazendo “birra” para não os acompanhar. Outro fato importante são as cores presentes na imagem como, por exemplo, o verde, frequentemente associado à natureza, que traz um efeito calmante (Moore, 2024). Marcando uma contradição com a postura da personagem e o cenário em sua volta.

Logo, Chihiro encontra personagens complexos e peculiares, cada um com diferentes características. Dentre eles, destaca-se Haku como uma figura central na narrativa. Inicialmente apresentado como o capataz de Yubaba, porém é o aprendiz de Yubaba o qual sofre nas mãos da dona da casa de banho.

Figura 3 — Haku vê Chihiro pela 1ª vez



Fonte: *A viagem de Chihiro*, 2001, 00:11:20 — 00:11:21

Na figura 3, Haku aparece na ponte, o que pode ser o momento de transição em que Chihiro vai parar no mundo espiritual e a ajuda dele será de grande importância para ela. O personagem Haku teve papel fundamental em ajudar Chihiro, sendo o primeiro a falar como ela no mundo espiritual. Quando conversa com Chihiro, Haku aparenta ter um bom coração e tenta ajudá-la de todas as formas possíveis. Infelizmente, Haku cumpria tarefas malignas para Yubaba, principalmente em sua forma de dragão, a fim de sobreviver na casa de banho. A relação com Chihiro se fortalece quando ela descobre que Haku é um dragão.

Outro personagem crucial no percurso de Chihiro é Kamaji, o responsável pela sala das caldeiras. Ao pedir um trabalho para poder sobreviver na casa de banho, ela tem a ajuda de Kamaji, que a auxilia a conseguir chegar na sala de Yubaba que fica no andar mais alto daquele lugar.

Figura 4 — Kamaji trabalhando nas caldeiras



Fonte: *A viagem de Chihiro*, 2001, 00:23:39 — 00:23:40

O personagem Kamaji, um velho senhor com seis braços, tem a função de cuidar das caldeiras no último andar da casa de banho. Os vários braços de Kamaji pode simbolizar o

trabalho incessante e a multiplicidade de tarefas que ele realiza nas caldeiras, remetendo a ideia das figuras mitológicas, como os deuses hindus, conhecidos por terem múltiplos braços para simbolizar onipotência ou eficiência. No começo, ele é rude e grosso com Chihiro, mas depois de conversarem, ele começa a tratar Chihiro de forma acolhedora oferecendo até conselhos para a personagem.

Os braços de Kamaji, também podem se estender infinitamente para pegar coisas dentro de gavetas na parede sem mudar de posição. O personagem possui um grande número de fuligens que trabalham para ele e realizam a função de colocar carvão na fornalha para manter os banhos funcionando. Por fim, Kamaji oferece uma solução para ajudar Chihiro, ele finge que ela é sua neta, apesar de ela ser humana, e pede para Lin levá-la até Yubaba. Em troca, ele oferece uma salamandra frita, um gesto que revela a compaixão de Kamaji.

Figura 5 — Lin levando comida para Kamaji e as fuligens



Fonte: *A viagem de Chihiro*, 2001, 00:29:27 — 00:29:28

Na figura 5, Lin encontra-se no lugar em que Kamaji trabalha com um ambiente repleto de gavetas. A personagem Lin é uma das funcionárias que cuida dos hóspedes e da limpeza da casa de banho. Sua personalidade concentra-se na maneira de se expressar de forma direta e sem rodeios. É necessário deixar claro que no início da animação Lin não gostava de Chihiro, por isso tinha atitudes arrogantes e provocativas em relação a ela. Contudo, no final da animação, é possível perceber o desenvolvimento da amizade entre as duas.

Chihiro recebe a ajuda de Kamaji quando ele pede a Lin que a leve até Yubaba, pois apenas ela pode decidir se Chihiro será aceita. Lin hesita, mas Kamaji insiste, oferecendo uma delícia de alta qualidade como agradecimento. Apesar das dúvidas, Lin concorda e, antes de sair, Kamaji explica a Chihiro que, para trabalhar naquele ambiente, ela precisará fazer um acordo com Yubaba, e deseja boa sorte. Chihiro, ainda assustada, segue as instruções de Lin,

que fala que ela deveria ter agradecido a Kamaji pela ajuda. Chihiro, então, volta para agradecer, Kamaji sorri e deseja boa sorte mais uma vez.

Figura 6 — O encontro de Chihiro e No-face



Fonte: *A viagem de Chihiro*, 2001, 00:46:46 — 00:46:48

O personagem No-Face personifica uma crítica ao capitalismo, principalmente ao consumismo presente nesse sistema. A partir da figura de No-Face, que não tem forma, sendo uma sombra com máscara que simboliza uma identidade fluida, sem características próprias, o que exprime a ideia de que No-Face assume aspectos daqueles ao seu redor, funcionando como um espelho das emoções e desejos alheios, refletindo aspectos do capitalismo. O capitalismo consome e acumula incessantemente, mas No-Face não permanece satisfeito, desejando consumir Sen/Chihiro. Dessa forma, o sistema capitalista consegue corromper No-Face, transformando-o em um monstro, simbolizando como o desejo insaciável e a busca constante por mais podem levar à perda da identidade e à destruição.

Por fim, é preciso apresentar a personagem Yubaba — a bruxa que comanda o mundo espiritual e governa todos os funcionários na casa de banho. Ardilosa, manipuladora e gananciosa com seus funcionários, Yubaba é a principal antagonista da animação, utilizando mecanismos de controle para manter o poder concentrado nela, faz com que seus funcionários não encontrem uma forma de escapar dos trabalhos impostos por ela, fazendo com que todos desempenhem funções até morrerem.

Figura 7 — Chihiro chega ao lugar em que Yubaba vive



Fonte: *A viagem de Chihiro*, 2001, 00:37:52 — 00:37:53

A partir da análise da figura 7, o contraste entre as cores vibrantes de Yubaba e as cores suaves de Chihiro reforça a tensão entre as duas personagens, tanto no aspecto de classes (burguesia *versus* proletariado) quanto no nível emocional (poder *versus* vulnerabilidade). Nota-se as características previamente discutidas de Yubaba. Primeiramente, percebe-se Yubaba abrindo uma caixa que contém objetos de valor, além de moedas espalhadas pela mesa, sendo possível associar à avareza e ao acúmulo de riquezas, reforçando sua imagem como capitalista e a alinhando à classe burguesa. Em contrapartida, Chihiro se mantém distante desses bens, reforçando sua desconexão com o materialismo e seu papel de oprimida na história.

Miyazaki (2002, p. 104) também destaca o vestuário de Yubaba, afirmando que “[at] first we had her wearing a Japanese short coat, but given how she lived in a Western-style building, we gave her a more Western look”. No que diz respeito às cores, Yubaba apresenta tons de azul-escuro, sugerindo autoridade, poder e mistério, enquanto isso, o dourado presente nos objetos e nos detalhes pode ser associado a riqueza, ganância e luxo.

Dessa forma, o objetivo é traçar os perfis das personagens a partir de expectativas diferentes, evidenciando a relação entre Yubaba e Chihiro, marcado pela dinâmica de opressor e oprimido. Essa relação revela a complexidade e as desigualdades do mundo espiritual. Por meio dessa discussão, somos convidados a refletir sobre o papel de cada personagem, com Chihiro representando a classe trabalhadora e suas formas de resistência às opressões, enquanto Yubaba personifica a burguesia, praticando a exploração dos trabalhadores no mundo espiritual.

Portanto, ao perder seus pais, ser despojada de seu nome e submetida a trabalhos difíceis, Chihiro vivencia na pele as opressões e dificuldades decorrentes da divisão de classes sociais. Essa dinâmica, que ecoa na sociedade, será aprofundada na próxima seção, em que analisaremos como os conceitos centrais da nossa pesquisa serão representados na animação,

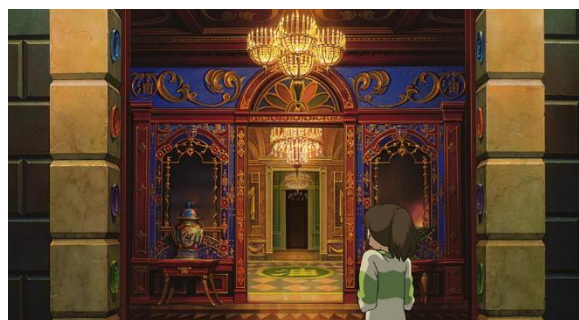
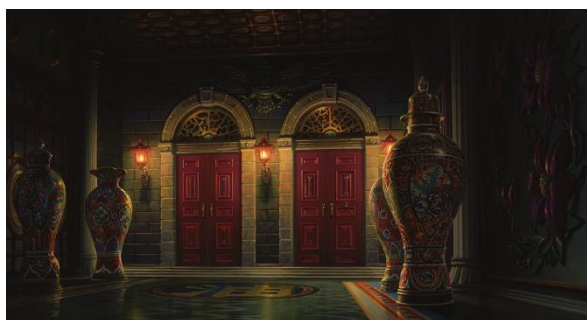
sendo analisado, inicialmente, acerca de como Yubaba estabelece as relações de exploração e opressão e, em seguida, as formas como Chihiro resiste a tudo isso.

3.2 “You’d make a lovely piglet...”²¹: A burguesia e suas explorações

A vida de Yubaba é marcada por exuberância, evidenciada pelo fato de que ela possui o maior quarto da casa de banho, localizado no andar mais alto. O ambiente é espaçoso e ostenta uma decoração luxuosa composta por diversos quadros, lustres, e vasos gigantes banhados a ouro, que aparentam possuir alto valor. Esses objetos valiosos refletem a riqueza acumulada por Yubaba, comprovando o quanto ela já lucrou com o trabalho de seus funcionários.

Nas figuras 8, é possível observar como as riquezas são apresentadas por meio de grandes portas vermelhas, vasos enormes e ricos em detalhes, lustres de cristal que iluminam cada ambiente, além de paredes com ornamentos dourados. A primeira imagem apresenta um lugar fechado, com pouca iluminação, onde as portas podem simbolizar uma barreira a ser ultrapassada antes de entrar no quarto. Por sua vez, a segunda ilustração (figura 9) revela o que está além das portas: um espaço rico, iluminado e muito bem decorado. Contudo, o corredor parece não ter fim, mantendo um ar de mistério (Miyazaki, 2002).

Figuras 8 e 9 — Entrada do quarto de Yubaba na casa de banho



Fonte: *A viagem de Chihiro*, 2001, 00:34:12 – 00:35:10

Fazendo um paralelo entre a animação e o que afirma Marx (2013), o trabalhador não trabalha para si, mas para atender às necessidades da burguesia, gerando cada vez mais mais-valia. Apenas os trabalhadores que contribuem para o enriquecimento da burguesia são

²¹ Escolhemos esse excerto pelo motivo dele representar a maneira pela qual as classes dominantes percebem as classes trabalhadoras, ou seja, como meros animais em um sistema que os relega a funções específicas e desvalorizadas.

considerados produtivos. É possível identificar esse paralelo na animação, no caso de Kamaji (operador das caldeiras na casa de banho), que não trabalha para si mesmo, mas para Yubaba. Sua principal função não é apenas operar as caldeiras para que funcionem no tempo estipulado, mas garantir que seu trabalho gere mais-valia, ou seja, lucro e enriquecimento para Yubaba, algo evidenciado pelo luxo e ostentação que ela possui.

Figuras 10 e 11 — Yubaba assinando documentos e o lugar onde as funcionárias dormem



Fonte: *A viagem de Chihiro*, 2001, 00:37:52 — 00:44:17

Na figura 10, é possível identificar a vestimenta luxuosa de Yubaba, com joias, lingotes de ouro e uma bolsa que parece guardar moedas também de ouro, refletindo o acúmulo de riqueza. Enquanto isso, na figura 11, o espaço contrasta diretamente com o ambiente em que os funcionários vivem, evidenciando a diferença entre eles, além de deixar claro que o ambiente é pequeno e dividido com funcionárias dormindo amontoadas, umas em cima das outras, mostrando a disparidade entre o maior quarto, de Yubaba, o qual permite dormir com conforto, e o menor quarto, onde as funcionárias precisam descansar. Miyazaki (2002, p. 104) também destaca o vestuário de Yubaba, afirmando que “[at] first we had her wearing a Japanese short coat, but given how she lived in a Western-style building, we gave her a more Western look.”²²

Somando a essa ideia, Yubaba representa o privilégio da classe burguesa, que usufrui do melhor e do mais confortável, enquanto os funcionários sobrevivem desde o momento em que começam a trabalhar até o momento de dormir sob condições precárias. Esse controle sobre todos os funcionários acontece por meio da casa de banho (os meios de produção), onde eles precisam trabalhar para sobreviver naquele mundo. Cabe ressaltar que Yubaba exerce seu poder psicológico, ao manipular os funcionários a assinarem contratos de trabalho, e o poder físico, ao explorar os trabalhadores até a última gota, com o objetivo de gerar mais lucro para ela.

²² “[a] princípio, a vestimos com um casaco japonês, mas, considerando que ela morava em um prédio de estilo ocidental, optamos por um visual mais ocidental” (Miyazaki, 2002, p. 16, tradução nossa).

Além disso, os contratos mágicos são outro meio que Yubaba utiliza para aprisionar e forçar as pessoas a trabalharem para ela, garantindo sua autoridade e exploração dos outros. Por meio de seus feitiços, ela é capaz de transformar pessoas em animais, controlar objetos e criar ilusões. Como resultado, Yubaba intimida seus funcionários e os espíritos que não seguem suas regras. Ao utilizar seus poderes mágicos, juntamente com sua aparência imponente e seu comportamento arrogante, ela impõe medo e garante a obediência.

A perda dos nomes é o mais significativo de seus diversos mecanismos de controle. Ao tomar os nomes das pessoas, Yubaba as tornam dependentes e as submetem ao seu poder. Nesse sentido, Miyazaki (2002, p. 16) afirma que, “[i] am arguing in this film that words are our will, ourselves and our power”²³. Os nomes estão intrinsecamente ligados à identidade das pessoas, e ao controlá-los, Yubaba controla a essência de cada uma.

Para entender tais ações, é necessário compreender as motivações de Yubaba. Para ela, uma de suas principais metas é o acúmulo de poder, pois busca controlar e vigiar todos os espíritos do mundo espiritual. Por isso, Yubaba personifica a classe da burguesia, afinal, de acordo com Marx e Engels (2010, p. 44), a burguesia restringe “[...] os meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos”. A partir do momento que Yubaba controla tudo e todos, ela exerce o poder da burguesia dentro do universo da animação. Além disso, Yubaba não oferece qualquer benefício aos seus funcionários, reforçando sua natureza exploradora. Cabe ressaltar que a única figura que escapa de seu controle é sua irmã gêmea, Zeniba, uma bruxa que vive isolada no fundo do pântano.

De volta ao momento em que Chihiro e Lin passam por corredores movimentados, é preciso esclarecer que, durante o trajeto, Chihiro observa os diferentes espíritos e as atividades na casa de banho, como banhos relaxantes e conversas animadas. Ao entrar no elevador, elas encontram um funcionário que menciona estar sentindo um cheiro de humano e pergunta se ela está escondendo algo. Apesar da tensão, Lin mantém a situação sob controle e elas seguem em frente.

No topo da casa de banho em que vive Yubaba, a decoração, como já dito, é extravagante, repleta de riquezas e cores vibrantes. Chihiro vê várias portas se abrindo, revelando salas decoradas de forma única. Ao chegarem no escritório de Yubaba, ela percebe três espíritos em forma de cabeças saltando pela sala, enquanto isso, no centro, Yubaba está sentada assinando documentos.

²³ “[eu] estou argumentando neste filme que as palavras são a nossa vontade, nós mesmos e o nosso poder” (Miyazaki, 2002, p. 16, tradução nossa).

Com base na discussão sobre a animação, é importante analisar o seguinte excerto:

YUBABA: “You’re just a useless weakling. Besides, this is no place for humans. It’s a bath house, where eight million spirits can rest their weary bones. **Your parents had some nerves. Gobbling up our guests’ food like pigs!** Just desserts, I’d say. And you’ll never see... your world again either. **You’d make a lovely piglet. Or, maybe a lump of coal.** I see you’re trembling. Actually, I’m impressed you made it this far. Someone must’ve helped you. I must thank your friend. Just who was it, my dear? You can tell me.”

CHIIHIRO: “Please let me work here.”

YUBABA: “Not that again!”

CHIIHIRO: ‘I want to work here!’”

YUBABA: Shut up! **Why should I hire you? Anyone can see you’re a lazy, spoiled, crybaby.** Stupid to boot. I’ve nothing for you. **Forget it. I’ve got all the bums I need around here. Or maybe you’d like the worst, nastiest job I’ve got, until you breathe your very last breath?**²⁴ (*A viagem de Chihiro*, 2001, 00:36:27 – 00:38:30).

Nesta ocasião, as primeiras falas de Yubaba enfatizam a hierarquia social e demonstram o desprezo pelas classes inferiores, com uma visão elitista de que apenas os fortes, como ela, são dignos de sucesso e respeito. Ela usa adjetivos como “useless” e “weakling” para descrever Chihiro, deixando claro que a considera fraca e inútil. Yubaba também enfatiza que aquele lugar não era para humanos, mas para 8 milhões de espíritos, criticando ainda a coragem dos pais de Chihiro por comerem a comida dos hóspedes.

Nesse ponto, Yubaba emprega a expressão “just desserts”, que, segundo Ricardo Leal (2016, on-line), “[...] significa algo como “receber o que você merece”, “receber o castigo que merece”, etc. Ou seja, normalmente é usada para descrever um castigo ou punição, sugere que os pais de Chihiro mereceram a transformação como consequência de suas ações. Além disso, Yubaba associa Chihiro a um “piglet” (porquinho), o que vai além de uma simples ofensa: ela a reduz a algo sujo e inferior. Essa figura, usada de forma pejorativa, reforça a opressão, em que Yubaba coloca Chihiro no mesmo nível de erros que os que seus pais cometeram.

²⁴“**YUBABA:** ‘Você não passa de uma fraca inútil. Além disso, este não é lugar para humanos. É uma casa de banhos, onde oito milhões de espíritos podem descansar seus ossos cansados. **Seus pais tiveram muita coragem. Devorar a comida dos nossos hóspedes como porcos!** Bem feito, eu diria. E você também nunca verá... o seu mundo novamente. **Você daria uma bela porquinha. Ou talvez um pedaço de carvão.** Vejo que está tremendo. Na verdade, estou impressionada por ter chegado até aqui. Alguém deve ter ajudado você. Preciso agradecer ao seu amigo. Quem foi, minha querida? Pode me contar.’”

“**CHIIHIRO:** ‘Por favor, me deixe trabalhar aqui.’”

“**YUBABA:** ‘De novo isso!’”

“**CHIIHIRO:** ‘Eu quero trabalhar aqui!’”

“**YUBABA:** ‘Cale-se! **Por que eu deveria contratá-la? Qualquer um pode ver que você é uma mimada preguiçosa e chorona.** E ainda por cima, burra. Não tenho nada para você. Esqueça. **Já tenho todos os inúteis que preciso por aqui. Ou talvez você prefira o pior e mais nojento trabalho que eu tenha, até o dia em que você der seu último suspiro?**’” (*A viagem de Chihiro*, 2001, 00:36:27 – 00:38:30, tradução nossa).

Outro termo significativo usado por Yubaba é “lump of coal”, que funciona como uma metáfora para a suposta inutilidade de Chihiro. A ideia é clara: para Yubaba, Chihiro não tem valor algum. Ao longo da conversa, Yubaba tenta manipular a jovem, sugerindo que foi ela quem ajudou Chihiro a chegar até ali. Isso reflete como a burguesia exerce controle quase total sobre o proletariado, muitas vezes, silenciando-o e o impedindo de protestar contra sua exploração. No entanto, Chihiro muda de assunto e insiste em pedir um trabalho — uma escolha que não vem da vontade própria, mas da necessidade urgente de sobreviver e salvar seus pais.

Essa situação reflete a condição do proletariado: mesmo sendo tratada com desprezo, Chihiro busca uma forma de sustento em meio à exploração. O discurso de Yubaba deixa evidente que ela vê seus funcionários como peças descartáveis, prontas para serem substituídas a qualquer momento. Outro ponto é que, ao afirmar que não precisa de mais funcionários, Yubaba reforça seu poder e controle sobre tudo. Conforme Chihiro insiste em pedir emprego, Yubaba reage de forma autoritária, gritando, intimidando e a tocando de maneira invasiva, ilustrando o desequilíbrio de poder entre as classes.

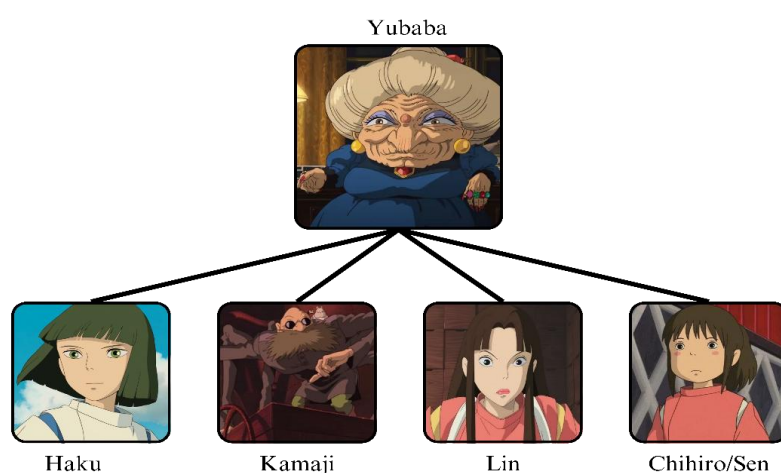
Por fim, Yubaba questiona por que deveria contratar Chihiro, chamando-a de uma criança mimada e chorona, incapaz de realizar qualquer tarefa. Ela ameaça que, se Chihiro trabalhasse ali, ficaria com o pior serviço até o fim de seus dias, deixando claro que a única opção da menina seria uma vida inteira de servidão. No final, Yubaba concorda, mesmo que relutante, em contratá-la, forçada por um juramento que fizera de sempre oferecer trabalho a quem pedisse dizendo em seguida “[that] ridiculous oath I took. To give a job to whoever asks”²⁵ (*A viagem de Chihiro*, 2001, 00:39:49 – 00:40:00). Tal fala transmite a raiva de Yubaba por não poder discriminar trabalhadores, além de demonstrar sua posição de dominação e o incômodo causado por uma regra externa que limita seu controle.

Para Marx (2006), a existência das classes sociais está diretamente ligada a determinadas fases do desenvolvimento histórico da produção. No caso da animação *A viagem de Chihiro* (2001), vemos que a divisão entre Yubaba e Chihiro não é apenas uma separação qualquer, mas sim uma estrutura de poder que reflete um sistema de produção específico: o da casa de banhos. Nesse contexto, Yubaba representa a classe dominante, enquanto Chihiro personifica a classe trabalhadora. Além disso, Marx (2006) afirma que a luta de classes leva à ditadura do proletariado, uma fase transitória rumo a uma sociedade sem classes.

²⁵“**YUBABA:** ‘Aquele promessa ridícula que eu fiz. De dar trabalho a qualquer um que peça’” (*A viagem de Chihiro*, 2001, 00:39:49 – 00:40:00, tradução nossa).

Na animação, Chihiro ainda não está em posição de liderar uma “revolução”, mas de lutar para sobreviver. Contudo, ao longo da animação, percebemos que as interações de Chihiro com personagens como Haku, Lin e Kamaji são marcadas por uma certa indiferença por parte dos outros funcionários da casa de banhos. A maioria deles não parece se importar com a luta de Chihiro, demonstrando uma falta de solidariedade em relação à sua condição. Esses trabalhadores estão mais focados em sobreviver ou em cumprir suas próprias tarefas do que em ajudar alguém de sua própria classe ou resistir à opressão.

Figura 12 — As relações dos funcionários da casa de banho com sua dona



Fonte: Elaborado pela autora

A partir da figura 12, compreendemos que essa luta, no entanto, não afeta apenas Sen/Chihiro (Sen é o nome dado a Chihiro por Yubaba), mas afeta outros personagens, como Haku, Kamaji e Lin, que também perderam seus nomes, mostrando como a opressão é coletiva. Cada um teve um motivo para ir trabalhar na casa de banho que não é explicado na animação. No topo, Yubaba segue representando a burguesia que comanda os meios de condição, que explora a classe do proletariado, representada por Haku, Kamaji, Lin e Sen. Aos poucos, esses personagens começam a desenvolver uma consciência de classe, embora isso seja um processo lento, já que viveram por anos sob o domínio de Yubaba. A chegada de Chihiro, no entanto, traz mudanças gradativas. Isoladamente, ela não consegue enfrentar Yubaba, mas, ao trabalhar em conjunto com os outros, consegue exercer pressão para transformar as condições de trabalho e vida naquele mundo espiritual (Marx, 2010)

Quando Chihiro chegou à porta das caldeiras em busca de Kamaji para conseguir emprego e viu um senhor de vários braços sentado enquanto várias criaturinhas pequenas

carregam carvão para uma fornalha, ela reuniu coragem e se aproximou daquele senhor. Logo, fica evidente, dentro da animação, que aquele era Kamaji e que cada vez mais trabalho chegava para ele por meio de fichas presas em fitas e, ao mesmo tempo, aquelas pequenas criaturas conhecidas como fuligens (Susuwatari), começavam a trabalhar novamente para colocar carvão na fornalha.

Sob a perspectiva dos estudos marxianos, o papel de Kamaji representa a classe operária, devido ao fato de realizar um trabalho repetitivo e sem autoridade, apenas obedecendo às ordens de seus superiores. De acordo com Sandra Luciana Dalmagro e Giovanni Frizzo (2023), o trabalho seria a fonte vital do ser humano, em que, nas sociedades que existem a divisão de classe, o trabalhador precisa vender a força de trabalho para outra pessoa em busca de sobreviver nesses meios sociais. Da mesma forma, Marx (2010, p. 36) afirma que:

O que o operário produz para si próprio não é a seda que tece, não é o ouro que extrai das minas, não é o palácio que constrói. O que ele produz para si próprio é o salário; e a seda, o ouro e o palácio reduzem-se, para ele, a uma determinada quantidade de meios de subsistência, talvez a uma roupa de algodão, a umas moedas, a um quarto num porão (Marx, 2010, p. 36).

Ou seja, o trabalho do Kamaji rende somente uma alimentação e um lugar para morar, como é perceptível na animação, mas nada é oferecido pelo trabalho dele. Na figura a seguir é mostrado Chihiro encontrando Kamaji, que inicialmente hesitou em contratá-la, pois já possuía as fuligens como ajudantes.

Figuras 13 e 14 — Chihiro conhece Kamaji pela primeira vez e descobre o tipo de serviço dele



Fonte: *A viagem de Chihiro*, 2001, 00:25:13 – 00:25:43

KAMAJI: “I’m Kamaji, slave to the boilers that heat the baths. Step on it, boys.

CHIHIO: “Um, please let me work here.”

KAMAJI: “I’ve got all the help I need. The place is full of soot. Plenty of replacements.” (*A viagem de Chihiro*, 2001, 00:25:10 – 00:25:33)²⁶

Nas figuras 13 e 14, predominam tons vermelhos devido ao fogo da fornalha. Esse detalhe é enfatizado por Miyazaki (p. 72), que explica: “[the] bath house interiors are lit up with incandescent light bulbs, so the lighting has a reddish tinge”. Isso ressalta a importância do vermelho, mas também cria um contraste com seu significado na cultura japonesa. Segundo Elena Lisina (2020), em “Symbolic Colors in Japan”, o vermelho simboliza a proteção contra maus espíritos e traz segurança. No entanto, na animação, ele assume um sentido oposto, representando o controle de Yubaba sobre o ambiente e os funcionários da casa de banho. Essa escolha sugere os conflitos sociais do mundo espiritual como o trabalho forçado e a exploração dos empregados.

Além disso, Rocha (2021) descreve o ambiente de Kamaji como cercado por uma grande fornalha, chaleiras, engrenagens, tubulações e paredes repletas de gavetas com ervas para os banhos. O restante do espaço é vazio, com uma estrutura de madeira que serve como cama e local de trabalho de Kamaji. Nas paredes, orifícios sugerem o espaço das fuligens, que trabalham incessantemente. O ambiente é escuro, iluminado apenas pela luz da fornalha, criando uma atmosfera pesada, que reforça a ideia de trabalho intenso e exploração.

A postura dos personagens nas figuras também é essencial para a narrativa visual. Na figura 13, mostra-se que Kamaji está sempre ocupado, manipulando alavancas e engrenagens com seus múltiplos braços, que lembram os movimentos de uma aranha. Essa imagem reforça a ideia de um trabalho contínuo e mecânico, sem descanso. Chihiro, por outro lado, parece pequena e vulnerável em contraste com Kamaji e o ambiente ao redor.

Na figura 14, Kamaji continua realizando suas funções como se estivesse habituado ao ritmo de trabalho, enquanto Chihiro observa as fuligens, que se movem de um lado para o outro no chão. Notamos também um espaço vazio com almofadas e uma mesa baixa, sugerindo uma área de descanso, o que indica que Kamaji pode ter momentos de pausa. Quando analisados sob uma perspectiva marxista, Kamaji e as fuligens podem ser vistos como representantes da classe trabalhadora, responsáveis por manter o sistema funcionando, refletindo a invisibilidade e a exploração das classes subordinadas.

²⁶“**KAMAJI:** ‘Eu sou o Kamaji, escravo das caldeiras que aquecem os banhos. Vamos lá, meninos.’”

“**CHIHIO:** ‘Hum, por favor, me deixe trabalhar aqui.’”

“**KAMAJI:** ‘Eu tenho toda a ajuda que preciso. O lugar está cheio de fuligem. Tem muitos substitutos’” (*A viagem de Chihiro*, 2001, 00:25:10 – 00:25:33, tradução nossa).

Consoante a Dalmagro e Frizzo (2023) o trabalho é uma atividade que possibilita a existência do indivíduo, mas depende da maneira que é usada. Nesse sentido, o trabalho não é algo prazeroso, mas sim o meio que garante a sobrevivência, como no caso de Kamaji. Além disso, o trabalho torna-se uma obrigação alienante, um peso para o trabalhador, especialmente quando ele não compreende o propósito do que faz e apenas executa tarefas repetitivas e designadas.

Marx (2016, p. 219) afirma que “o processo de trabalho” do trabalhador, assim como os meios de produção, pertence à burguesia. Dessa forma, o trabalhador contribui apenas com sua força de trabalho, mas não tem acesso ao produto final, que é propriedade do capitalista. Aplicando essa discussão sobre Kamaji, percebemos que ele é o funcionário responsável por operar as caldeiras e manter os banhos funcionando. Embora seu papel seja essencial para fornecer água quente com ervas para os banhos, o resultado de seu trabalho não lhe pertence, mas sim a Yubaba, que representa a burguesia. Todos os meios de produção, incluindo as fuligens que o auxiliam, também são de propriedade de Yubaba. Assim, Kamaji apenas utiliza esses recursos em seu trabalho, mas tudo o que ele produz é controlado por ela.

Da mesma forma, Marx (2016, p. 219) compara o processo de trabalho “ao processo de fermentação em sua adega”. Essa analogia se aplica aos banhos: Kamaji, mesmo sendo um trabalhador especializado, não tem controle sobre o processo, pois o produto final é propriedade exclusiva de Yubaba. Com base nisso, Kamaji se apresenta como “slave to the boilers”, destacando a alienação do trabalhador em relação ao seu trabalho e à sua própria humanidade. Ele é retratado como mais uma peça no sistema capitalista que mantém as caldeiras funcionando, refletindo, assim, a condição do proletariado que vive apenas para servir à burguesia, gerando cada vez mais lucro para ela.

Segundo o autor supracitado (2010, p. 57): “qualquer que tenha sido a forma assumida, a exploração de uma parte da sociedade por outra é fato comum a todos os séculos anteriores”. Dessa forma, indicando que, em sociedades feudais, escravistas ou capitalistas, as relações sociais sempre mantiveram a apropriação do trabalho alheio, permitindo que uma classe dominante vivesse às custas de uma classe subordinada.

Além disso, dentro da animação, quando o personagem Kamaji ressalta que não precisa de mais ajudantes porque já conta com as fuligens, é possível designar que elas são pequenos seres tratados como descartáveis dentro desse sistema de exploração. Assim, como simboliza uma força de trabalho invisível e subordinada, cuja existência está unicamente vinculada à produção, funcionando como mercadorias facilmente substituíveis. De tal forma que, quando Chihiro pede um trabalho, ela não o faz por desejo, mas por necessidade de

sobrevivência e para salvar seus pais, em um sistema que impõe o trabalho como condição básica de existência. Nesse cenário, quando Kamaji inicialmente a rejeita, é possível analisar a representação de como esse sistema opressor frequentemente coloca os trabalhadores em situações que dificultam a solidariedade entre eles.

Em seu primeiro trabalho na casa de banhos, Chihiro atende o Espírito Fedorento. Logo que o tempo passa e a noite chega ela passa a conversar com Lin que parecia comer um bolinho de arroz recheado com feijão. Durante a conversa, Lin mencionou que um dia pretende deixar o emprego e ir para a cidade.

Na manhã seguinte, Chihiro tem um pesadelo em que visita seus pais na fazenda, mas não consegue reconhecê-los. Ela tenta dar uma “bolota de erva” para que eles voltem a ser humanos, mas, ao perceber que tudo não passava de um pesadelo, ela fica aliviada. No entanto, ao olhar para o lado à procura de Lin, não encontra nenhum dos funcionários. Ela percebe que as caldeiras já estão ligadas e fica assustada, pensando que dormiu demais. Contudo, não sabia que na noite passada, um hóspede havia chegado e estava distribuindo ouro para todos os funcionários. Em seguida, passa a procurar Lin para avisar aonde iria: “I’m going to see Kamaji?”²⁷, já Lin avisa que “I woudn’t go right now. He’s in a foul mood’cause they woke him up” (*A viagem de Chihiro*, 2001, 01:11:36 – 01:11:42)²⁸.

Nesse contexto, Chihiro comenta que vai ver Kamaji, mas Lin avisa que ele, provavelmente, não estará de bom humor, já que precisou se levantar cedo. Quando Lin usa a expressão “foul mood”, podemos interpretar isso como reflexo de uma tensão acumulada devido à exploração contínua e à falta de descanso. Isso se soma ao fato de que Kamaji foi acordado contra a sua vontade, reforçando a ideia de exploração de sua força de trabalho. Nesse sistema, os trabalhadores são obrigados a sacrificar suas necessidades pessoais para atender às exigências do ambiente de trabalho.

No caso de Kamaji, ele é praticamente um escravo das caldeiras, responsável por manter o funcionamento do banho. Esse trabalho, além de contínuo e exaustivo, é essencial para gerar lucro para Yubaba. Dentro da casa de banho, a exploração vai além do físico: os funcionários são condicionados a aceitar atitudes e crenças que sustentam a hierarquia imposta. Esse controle ideológico reforça a dominação, naturalizando a exploração e garantindo que os trabalhadores permaneçam subjugados ao sistema.

²⁷“Eu estou indo ver Kamaji” (*A viagem de Chihiro*, 2001, 01:11:36 – 01:11:42, tradução nossa).

²⁸“Eu não iria agora. ele está de mau humor porque eles o acordaram” (*A viagem de Chihiro*, 2001, 01:11:36 – 01:11:42, tradução nossa).

Em seguida, Yubaba começa a ficar irritada, e o gerente a interrompe, informando que Chihiro já chegou. Com isso, Yubaba imediatamente vai ao encontro dela, perguntando em que lugar ela esteve e criticando o atraso. Após isso, Yubaba fecha a porta atrás de si e encara Sen, perguntado o porquê de ela ter demorado tanto e que tudo estava virando um desastre, ordenando que ela aproveite a situação para “puxar o saco” de No-Face e pegar todo o ouro que ele estiver disposto a oferecer.

Enquanto fala, Yubaba percebe um rato no ombro de Chihiro, que na verdade era o seu filho, Bebê, que foi transformado em animal, acompanhado pela águia com cabeça humana, agora em forma de um pequeno pássaro. Seu filho, visivelmente chateado, tenta chamar a atenção dela, mas Yubaba não o reconhece e o ignora, chamando-o de “coisinha nojenta”, empurrando Chihiro em direção ao quarto de No-Face.

Dentro do quarto, No-Face já não é mais a figura misteriosa de antes. Agora, ele tem braços, pernas e uma aparência grotesca, Chihiro, sentada, observa e, sem demora, a protagonista começa a insistir para que ele aceite, dizendo que era “muito saborosa”. Sendo assim, ele tenta atrair Chihiro com promessas de ouro, mas o rato (filho de Yubaba) fica assustado com a figura imponente. Em um momento de tensão, o rato morde No-Face, que reage agressivamente, mas o pássaro o salva. Na sequência, Chihiro decide dar a ele uma bolota de ervas, mas apenas a metade. Ao engolir, No-Face começa a vomitar toda a comida que tinha ingerido, expelindo uma gosma negra enquanto a acusava de envenenamento. Devido a isso, ela sai correndo com medo de No-Face, que estava furioso atrás dela. Na perseguição, No-Face vai diminuindo de tamanho e, em meio à confusão, acaba destruindo parte da casa de banhos e assustando os funcionários.

Ela sai por trás da casa de banhos e chega a um barco improvisado com a ajuda de Lin. Depois, No-Face cospe o último funcionário que havia engolido: um sapo. Após isso, Chihiro segue em direção à estação de trem, agora usando suas roupas e Lin despede-se de Sen, falando que tirará tudo o que disse antes sobre ela. Na sequência, No-Face segue até o trem, embarcando junto deles até a Floresta do Pântano, o lugar em que Zeniba mora. Durante a viagem, as pessoas vão descendo em diferentes paradas, até que restam apenas Sen, No-Face, o rato (filho de Yubaba) e o pequeno pássaro.

Enquanto isso, na casa de banhos, Haku acorda e pergunta a Kamaji em que lugar está Sen. Kamaji explica que ela foi para ao Pântano, o lugar em que Zeniba vive. Devido a isso, Haku parece lembrar de algo importante, mencionando que o nome verdadeiro dela é Chihiro. Kamaji fica surpreso ao descobrir o verdadeiro nome de Sen. Já nos aposentos de Yubaba, vemos o caos instalado. Enrolada em toalhas, reclama de todo o estrago causado por No-Face.

Enquanto isso, os três espíritos com formato de cabeças, agora estão transformados em seus filhos e comem excessivamente. Seus funcionários, que estão ajoelhados e ainda confusos, observam tudo sem saber o que fazer.

YUBABA: “This gold hardly covers the damage. That fool, Sen. She just cost me a fortune.”

FUNCIONÁRIO: “But, Sen did save us, after all.”

YUBABA: “Silence! She started it all, and now she’s run away. Even abandoned her own parents! They must be fine fat pigs by now. Turn them into bacon or ham” (*A viagem de Chihiro*, 2001, 01:42:07 – 01:42:29)²⁹.

Entendemos que Yubaba acusa Chihiro de ter causado inúmeros prejuízos à casa de banhos desde a entrada de No-Face no local. Apesar de Chihiro ter salvo tanto os funcionários quanto o próprio estabelecimento, Yubaba insiste em destacar o custo dos danos, não se referindo às vidas, mas às perdas financeiras, mencionando que até o ouro acumulado mal seria suficiente para cobri-los. Quando um dos funcionários tenta argumentar que, sem a ajuda de Sen, ninguém teria sido salvo, é evidente uma consciência de classe, que é rapidamente reprimida, mostrando a diferença de poder entre quem comanda e quem obedece. Sendo assim, Yubaba não dá ouvidos ao argumento do funcionário, desprezando a defesa de Chihiro e mostrando que não permite questionamentos ou resistência, o que expõe uma opressão que vai além da exploração.

Essa atitude revela que, para Yubaba, o esforço e o trabalho dos empregados não têm valor próprio, mas são vistos unicamente como instrumentos para gerar lucro, configurando uma relação de exploração evidente. Além disso, Yubaba faz uma acusação ainda mais dura contra Sen, mencionando que ela abandonou seus pais, reduzindo-os a recursos que podem ser consumidos, como se fossem “bacon” ou “presunto”. Isso expõe a lógica cruel de exploração, em que o trabalhador não tem valor intrínseco, mas é medido apenas pelo que pode ser extraído dele, até mesmo antes de sua morte.

De acordo com Marx (2010, p. 77-78): “[...] a classe oprimida e explorada — o proletariado — não pode mais libertar-se da classe que explora e oprime — a burguesia — sem que, ao mesmo tempo, liberte, de uma vez por todas, toda a sociedade da exploração, da opressão, do sistema de classes e da luta entre elas”. Na animação, Chihiro desafia exatamente esse sistema de exploração imposto por Yubaba, o que se conecta diretamente com o contexto

²⁹“**YUBABA:** ‘Este ouro mal cobre o dano. Aquela idiota, Sen. Ela me custou uma fortuna.’”

“**FUNCIONÁRIO:** ‘Mas, Sen nos salvou, afinal.’”

“**YUBABA:** ‘Silêncio! Foi ela quem começou tudo, e agora fugiu. Até abandonou os próprios pais! Devem estar bem gordos agora. Transformem-nos em bacon ou presunto’” (*A Viagem de Chihiro*, 2001, 01:42:07 – 01:42:29, tradução nossa).

social e histórico descrito por Marx (2010). Dessa forma, ela questiona o sistema que a mantém em uma posição submissa, pois sua verdadeira liberdade só acontece quando essa estrutura se transforma, pois, quando o proletariado conquista sua liberdade, a sociedade deixa de ser dividida e explorada e começa sua emancipação.

Quando Yubaba diz que Chihiro “começou tudo e agora fugiu”, ela revela que qualquer tentativa de mudar a ordem social é vista como uma ameaça ao seu poder. Sendo assim, Yubaba não permite que alguém tire o controle sobre seus funcionários e produtos. Além disso, a defesa que os empregados fazem de Chihiro reforça o que Marx argumenta que a luta do proletariado não se limita a uma busca por melhores condições de vida, mas a uma tentativa de erradicar o sistema de classes e as relações de opressão.

Em síntese, fica claro como Yubaba representa a classe burguesa, por meio de suas práticas de opressão e exploração dos funcionários. Caso não cumpram suas tarefas, eles podem ser transformados em animais ou até forçados a realizar os piores serviços. Portanto, para Yubaba, o lucro da casa de banhos é o que importa, enquanto os trabalhadores não têm nada além de um teto para se abrigarem da chuva e são tratados como peças descartáveis. Também refletimos sobre a condição do proletariado, que, mesmo diante de tanta exploração e opressão, tenta sobreviver nesse ambiente hostil. Como resultado, conseguimos identificar claramente a classe burguesa na figura de Yubaba e suas relações de exploração e opressão na animação.

3.3 “Um, please let me work here....”³⁰: O proletariado e suas opressões

Quando Chihiro fica presa no mundo espiritual, sua posição social muda drasticamente, pois, sem um emprego, ela se encontra na base mais baixa da hierarquia daquele ambiente, o proletariado. Esse cenário deixa clara a presença de classes sociais na animação, representada pela relação entre Chihiro e Yubaba e suas respectivas condições de vida.

Diante dessa realidade, o primeiro recurso que Chihiro procura é um trabalho que lhe permita sobreviver nesse novo mundo. Esse fato se evidencia quando Haku a ajuda a enfrentar vários desafios, incluindo o importante objetivo de evitar que os funcionários descubram sua verdadeira identidade como humana. Antes de atravessarem a ponte, Haku instrui Chihiro a prender a respiração, pois qualquer sinal de vida quebraria o feitiço que escondia sua presença.

³⁰ Optamos por esse excerto pelo motivo dele ilustrar como a classe proletária é condicionada a depender do trabalho para garantir sua sobrevivência no sistema capitalista. Essa dinâmica evidencia a relação de exploração, em que a burguesia detém os meios de produção e extrai valor do trabalho do proletariado, reforçando as desigualdades de classe.

No entanto, ao cruzar a ponte, Chihiro depara-se com espíritos de formas e características variadas, o que a deixa ainda mais assustada. Quase sem fôlego, ela é surpreendida por um funcionário em forma de sapo que salta à sua frente. O susto faz com que ela perca o controle e o feitiço de Haku seja quebrado, revelando sua presença imediatamente.

No meio da confusão, Chihiro e Haku correm entre os funcionários e os hóspedes até alcançarem uma pequena passagem em um jardim dentro da casa de banho. Apesar do erro, Haku tranquiliza Chihiro e a elogia por seus esforços, afirmando que ela fez o melhor que conseguiu. Enquanto os funcionários saem à procura da humana, Chihiro desculpa-se com Haku por não ter conseguido cumprir a promessa de prender a respiração. Haku, porém, reforça seu apoio, afirmando novamente que ela se esforçou ao máximo.

Logo em seguida, Haku explica que irá distrair os funcionários, enquanto Chihiro precisa encontrar uma maneira de escapar. Embora esteja tomada pelo medo, Haku a lembra de que é essencial seguir com o plano para sobreviver e, acima de tudo, salvar seus pais. Ele então utiliza um feitiço para mostrar o caminho que Chihiro deve seguir, orientando-a a descer as escadas até a sala das caldeiras, onde pedirá um trabalho para Kamaji. Além disso, Haku a instrui que, mesmo se Kamaji a recusasse inicialmente, ela deveria continuar insistindo e jamais desistir.

HAKU: “If you don’t work, Yubaba will turn you into an animal.”

CHIHITO: “Yubaba.”

HAKU: “You’ll see. She’s the sorceress who rules our world.”³¹ (*A viagem de Chihiro*, 2001, 00:19:35 – 00:19:43).

Nesse momento, Haku fala que Yubaba detém o poder de transformar pessoas em animais. Essa ameaça simboliza a capacidade da Yubaba de manipular e controlar a vida dos indivíduos das classes inferiores. Ao mesmo tempo, ela indica uma condição ao utilizar a conjunção “If”, pois, caso Chihiro não trabalhe na casa de banho, ela se tornará um animal, sem a possibilidade de escolha. Ou seja, ela tem apenas uma única opção, não podendo decidir seu destino. Por outro lado, Haku enfatiza o domínio de Yubaba sobre o mundo espiritual, ao afirmar “[she’s] the sorceress who rules our world”. Esse poder de controle absoluto sugere, portanto, que Yubaba simboliza a classe burguesa, a qual impõe seu domínio sobre os destinos alheios, consolidando, assim, sua posição superior na hierarquia social.

³¹“**HAKU:** ‘Se você não trabalhar, Yubaba vai te transformar em um animal.’”

“**CHIHITO:** ‘Yubaba.’”

“**HAKU:** ‘Você vai ver. Ela é a feiticeira que governa o nosso mundo.’” (*A viagem de Chihiro*, 2001, 00:19:35 – 00:19:43, tradução nossa).

Segundo Lênin, ao se questionar “Que são as classes?”, apresenta da seguinte maneira:

É o que permite a uma fração da sociedade apropriar-se do trabalho da outra. Se uma fração da sociedade se apropria de todo o solo, passaremos a ter a classe dos proprietários da terra e a classe dos camponeses. Se uma fração da sociedade possui as fábricas, as ações e o capital, enquanto a outra trabalha nessas fábricas, temos a classe dos capitalistas e a dos proletários (Lênin, 1997, on-line).

Com isso, Lênin (1997) explica o conceito a partir da perspectiva de apropriação do trabalho, argumentando que, uma parte da sociedade controla os meios de produção, enquanto se apropria do trabalho da outra classe, o proletariado. A partir disso, entendemos que a burguesia controla todos os recursos, enquanto o proletariado é forçado a vender a sua força de trabalho para viver, assim, existe uma relação entre essas classes, em que uma tira proveito do trabalho da outra. Ao voltarmos para a análise do excerto, podemos perceber a exploração e opressão, evidenciadas pela figura de Yubaba, a feiticeira do mundo espiritual e dona da casa de banho. Ela exerce controle absoluto sobre seus funcionários, obrigando-os a trabalhar sob ameaça de transformação em animais.

Posteriormente, precisamos entender como Chihiro resiste ao sistema opressor. Ao conseguir um trabalho na casa de banho, ela recebe a pior função: limpar as banheiras. Nesse ponto, Chihiro já perdeu seu verdadeiro nome e agora é chamada de Sen. Assim, passaremos a usar Chihiro para nos referirmos a ela daqui em diante. Yubaba pede a Haku que leve Chihiro ao alojamento dos funcionários. No caminho, Chihiro tenta conversar com Haku, mas percebe que ele está diferente. Agora, ele é o capataz de Yubaba, conhecido como Mestre Haku. Quando Haku apresenta Chihiro aos outros funcionários, eles a rejeitam por ela ser humana e pelo cheiro que exala. Nesse momento, os outros funcionários falam que Lin precisa de ajudante, assim ela fica com essa responsabilidade de cuidar de Sen.

Enquanto conversam, Lin comenta que não consegue acreditar que Chihiro conseguiu um trabalho, dado seu jeito ingênuo. Sen, por sua vez, diz que não está se sentindo bem. Lin então a leva para o quarto em que ela viverá a partir de agora. Durante a conversa, Chihiro questiona se existe mais de um Haku. Lin responde que não, explicando que ela já acha difícil lidar com um só. Além disso, Lin alerta Chihiro para não confiar em Haku, pois ele é o braço direito de Yubaba. Chihiro parece sentir uma dor repentina e se encolhe. Lin pergunta se ela está bem, enquanto uma outra funcionária, acordada pelo barulho, questiona o que está acontecendo. Lin explica que Chihiro não está se sentindo bem.

Enquanto isso, Haku é visto subindo uma escada. Na cena, aparecem três espíritos em forma de cabeças verdes, um pássaro com rosto humano e Yubaba, vestida com uma capa. Em

seguida Yubaba transforma-se em um pássaro e sai voando. Depois disso, vemos o amanhecer surgir no mundo espiritual e na casa de banho. De volta ao quarto, Chihiro está tremendo. A porta se abre, alguém entra, dizendo para ela ir até a ponte. Chihiro se veste rapidamente e desce as escadas, enquanto o resto do pessoal ainda dorme. Nas caldeiras, ela pergunta em que lugar estão seus sapatos, e as fuligens os trazem. Ao atravessar a ponte, ela vê um espírito completamente preto. Logo depois, encontra Haku, que diz que vai levá-la até a fazenda onde seus pais estão agora transformados em porcos.

Ao chegar, Chihiro fica chocada com a condição dos pais. Haku explica que eles não se lembram de que foram humanos. Chihiro sai correndo e a cena muda para outro momento. A partir daí, podemos perceber as primeiras formas de resistência de luta contra esse ciclo de opressão.

HAKU: “You’ll need them to get home.”

CHIIHIRO: “This was a farewell card... Chi-hi-ro. Chihiro... That’s my name.”

HAKU: “Yubaba rules others by stealing their names. You’re Sen here, but keep your real name a secret”

CHIIHIRO: “She almost got mine. I’d nearly turned into Sen.”

HAKU: “If she steals your name, you’ll never find your way home. I no longer remember mine”³² (*A viagem de Chihiro*, 2001, 00:48:10 – 00:49:15).

Neste trecho, Haku começa dizendo que Chihiro precisa de suas roupas, que está implícito no excerto, para voltar para casa. Em seguida, Chihiro menciona um cartão de despedida, algo que parece vir de sua vida anterior, fora do mundo espiritual. Depois, ocorre a repetição de seu antigo nome, “Chihiro”, destacando um esforço para não esquecer sua identidade, apesar da pressão do novo ambiente. A seguir, ela afirma que aquele era seu verdadeiro nome, começando a reconhecer sua identidade numa tentativa de resistir ao controle de Yubaba. Haku explica que Yubaba tem o poder absoluto e governa tudo e todos. Esse momento reforça que Chihiro estava perdendo sua essência e se submetendo ao sistema imposto.

Percebemos como é crucial, para Sen, lembrar o seu nome verdadeiro. Haku a ajuda a recuperar essa identidade, pois quando Yubaba rouba os nomes das pessoas, ela as priva de quem realmente são e passa a explorar e oprimir seus funcionários. Quando Chihiro descobre

³²“**HAKU:** ‘Você vai precisar deles para voltar para casa.’”

“**CHIIHIRO:** ‘Isso era um cartão de despedida... Chi-hi-ro. Chihiro... Esse é o meu nome.’”

“**HAKU:** ‘Yubaba governa os outros roubando seus nomes. Aqui você é Sen, mas mantenha seu verdadeiro nome em segredo.’”

“**CHIIHIRO:** ‘Ela quase pegou o meu. Eu quase virei Sen.’”

“**HAKU:** ‘Se ela roubar seu nome, você nunca vai encontrar o caminho de volta para casa. Eu já não lembro mais o meu.’” (*A viagem de Chihiro*, 2001, 00:48:10 – 00:49:15, tradução nossa).

sua identidade, começa a resistir ao controle de Yubaba, ou seja, ao sistema de dominação. Nesse momento, ela sabe que embora fosse forçada a viver com outro nome, precisava preservar sua verdadeira identidade para conseguir voltar para casa com seus pais.

De acordo com Marx (2013, p. 694), “o trabalhador assalariado está preso a seu proprietário por fios invisíveis. A ilusão de sua independência se mantém pela mudança contínua dos seus patrões e com a ficção do contrato”. Essa ideia se reflete no caso de Sen, que perde seu nome ao começar a trabalhar para Yubaba. Os “fios invisíveis” mencionados por Marx (2013) podem ser interpretados como o contrato que ela assinou para trabalhar na casa de banho, o que a leva a perder sua individualidade e humanidade, sendo reduzida a mais uma engrenagem no sistema. Nesse mesmo sentido, Lênin (1977) afirma que a luta de classes precisa ser contínua, como um processo necessário para alcançar a emancipação do proletariado e combater a exploração. A partir disso, entendemos como é importante que Chihiro não esqueça seu verdadeiro nome, pois Yubaba tenta se apropriar de sua identidade, transformando-a em uma trabalhadora sem vida. Isso reflete a necessidade de Sen, de lutar para não cair em um estado de submissão.

Outro exemplo é Haku, que também afirma não se lembrar mais de seu verdadeiro nome, evidenciando a mesma perda de identidade que ocorre com Sen. Ao analisar esses eventos sob o conceito de luta de classes, percebemos que tais conflitos não são individuais, mas coletivos, envolvendo o confronto entre a burguesia e o proletariado. Quando Chihiro luta para não esquecer seu nome, essa resistência simboliza sua tentativa de se opor ao sistema.

Ademais, Haku tenta consolar Chihiro dizendo que já basta lembrar o nome dela. Em seguida, ele a oferece um bolinho de arroz com um feitiço para que ela coma e com o feitiço recuperar as forças. Sen, ao dar a primeira mordida, começa a chorar. Enquanto continua comendo, as lágrimas caem ainda mais intensamente, e Haku tenta confortá-la, dizendo que ela passou por muita coisa e que deveria comer um pouco mais. Apesar de continuar chorando, Chihiro segue comendo, até que a cena acaba. No momento da despedida, Haku pergunta se ela conseguirá voltar sozinha e a observa enquanto atravessa a ponte em direção à casa de banho. No caminho, ela olha para cima e vê um dragão voando pelo céu, deixando-a intrigada. Sem saber quem ou o que ele realmente é, Chihiro começa a correr de volta para casa de banho. Nesse instante, um espírito preto parece segui-lá, mas logo a cena muda novamente.

A cena seguinte começa com Kamaji acordando e indo beber na chaleira, em seguida, vemos outra imagem: Chihiro dormindo no tatame, agarrada às roupas que pensava ter perdido. Com cuidado, Kamaji pega uma almofada com longos braços e cobre Sen, enquanto ela dorme. Logo na cena seguinte, é mostrado uma chuva caindo no mundo espiritual e Yubaba aparece

em forma de pássaro indo para casa de banho, já na cidade as luzes se acendem em meio à chuva. Dentro da casa de banho, os funcionários estão se preparando para começar o dia, subindo e descendo as escadas conforme suas tarefas.

A rotina na casa continua intensa, com Chihiro observando o trabalho árduo de todos. Em seu primeiro dia de serviço, Lin e Chihiro foram encarregadas de limpar a maior banheira. Lin reclama da tarefa pois era serviço dos funcionários com características de sapos, mas logo é lembrada que se trata de uma ordem dos superiores. Quando ambas estão indo limpar a banheira, os funcionários em forma de sapo zombam delas. Depois disso, elas começam a limpeza da banheira, como está muito suja Lin pede para Chihiro buscar uma ficha para um banho de infusão de ervas para colocar na banheira. Após esse momento um funcionário aparece pedindo para elas se apressarem, porque os clientes estão chegando.

Quando Chihiro volta, é elogiada por Lin por ter conseguido a melhor infusão de ervas e explica como mandar aquela ficha para Kamaji, a fim de fornecer água aromatizada para o banho, após isso Lin busca o café da manhã delas. Logo depois, No-Face aparece para Sen, oferecendo várias fichas, mas ela educadamente recusa e ele some misteriosamente deixando todas as fichas no chão. Quando Yubaba pede para chamar Lin e Sem, pede para elas lavarem e cuidarem bem do espírito fedido que estava chegando, o ambiente fica tenso no momento que ele atravessa a ponte para entrar na casa de banho. Os funcionários tentam afastá-lo por causa do odor insuportável, mas Chihiro é encarregada de cuidar dele e o levar para a maior banheira, caso contrário Yubaba iria transformá-lo em fuligens. Apesar do cheiro forte e da dificuldade, ela segue as ordens, provando sua determinação e coragem para levar o cliente.

Figura 15 — A 1ª tarefa que Chihiro realiza: atender o Espírito Fedido



Na figura 15, de acordo com os estudos marxianos, o Espírito Fedorento simboliza as consequências da negligência social e ambiental, sendo inicialmente desprezado por sua aparência suja e repulsiva. Contudo, a atitude de Chihiro, que o acolhe e remove o lixo acumulado dentro dele, revela sua verdadeira essência, limpa e majestosa. Essa transformação representa uma crítica à cultura do consumo e do descarte, destacando que, por trás da marginalização, existe valor e dignidade.

Especificamente na imagem no canto superior esquerdo, vemos Yubaba com uma postura rígida, segurando sua bengala. Apesar disso, sua expressão revela tensão: olhos arregalados, sobrancelhas erguidas e boca aberta. Esse nervosismo é causado pelo Espírito Fedorento, cujo cheiro forte quase fez os funcionários desmaiarem. Ao lado de Yubaba, Chihiro está em postura de saudação, visivelmente tensa, pois o Espírito Fedorento é uma figura coberta de sujeira, parecendo estender o braço para elas. Além disso, o espírito é representado por cores escuras e marrons, simbolizando sujeira e contaminação, em contraste com o ambiente da casa de banho, que utiliza tons de vermelho e dourado para demonstrar luxo. Esse contraste ressalta como a presença do espírito destoa do lugar. Mesmo sendo inexperiente e tendo começado a trabalhar há pouco tempo, Chihiro recebe a tarefa mais difícil: cuidar de um hóspede que ninguém quer atender, simbolizando o peso do trabalho que recai sobre a classe trabalhadora.

Já na imagem no canto superior direito, observamos Yubaba mostrando repulsa ao lidar com o dinheiro do hóspede. Ela pede para Chihiro pegar o pagamento, já que o Espírito Fedorento estava coberto de lodo. Nessa cena, a figura de Yubaba ocupa a maior parte da imagem, enquanto Chihiro aparece em uma posição menor, que pode enfatizar a diferença de poder entre elas. Isso também reflete a divisão de papéis na casa de banho: Chihiro não tem escolha e deve realizar a tarefa imposta por Yubaba, que detém o controle sobre todos. Limpar o Espírito Fedorento é uma tarefa indesejável, mas, por ser a trabalhadora de menor status, Chihiro é forçada a realizá-la, junto com Lin. Nesse contexto, ela começa a ter consciência de suas próprias ações, em que ela faz o que está além do papel dela que era limpar o Espírito Fedorento, resistindo à ideia de que sua posição é somente de servidão.

No canto inferior esquerdo, o Espírito Fedorento já está na maior banheira da casa de banho. Depois que entra na banheira, ele passa a olhar para si. Já Yubaba, fica no andar mais alto observando a situação enquanto ri do que estava acontecendo com Sen. Ao adicionar outra ficha para o banho de infusão de ervas, Chihiro acaba caindo dentro da banheira ao puxar a corda para liberar a água, nisso o Espírito Fedorento ajuda tirando de lá e levando ela a uma parte do seu corpo. Durante esse processo, ela descobre algo inesperado: um espinho cravado nele. A partir, desse fato, Chihiro informa Yubaba, que então entrega uma corda para que ela

amarre no espinho nele. A cena mostra Chihiro e outros funcionários puxando a corda com muito esforço.

Além disso, é possível notar que Yubaba está somente dando ordens enquanto os funcionários tentam tirar o espinho do Espírito Fedorento, tudo somado ao fato de que os funcionários realizam todo esforço braçal e Yubaba fica somente com o lucro, que seria o ouro deixado pelo Espírito Fedorento quando ele finalmente é limpo. No final, o espinho é removido, surgindo muita sujeira e objetos nele, como uma bicicleta, móveis e entre outros, revelando a poluição que havia contaminado o espírito.

Por fim, na última imagem, no canto inferior direito da figura 15, é revelada a verdadeira identidade do Espírito Fedorento: ele é um espírito do rio. Após ser limpo, sua aparência é completamente transformada, contrastando com sua imagem inicial, quando todos o evitavam. Mesmo sendo obrigada a servir e obedecer, Chihiro assume uma postura de liderança durante o processo de limpeza, demonstrando bravura. Sua atitude não só ajuda o espírito a recuperar sua essência, mas também reflete a resistência dos trabalhadores frente à desumanização frequentemente imposta a eles. Esse ato de Chihiro destaca que ela está começando a ter consciência das dinâmicas de exploração a seu redor.

Segundo Marx em *A miséria da filosofia* (1847), o proletariado não tem consciência de si mesmo ou do que está fazendo do seu trabalhando, no momento em que ficar ciente de tal situação, a classe dos trabalhadores poderá começar a luta de classes, por meio da expressão “classe em si/classe para si”:

As condições econômicas primeiro transformaram a massa do país em trabalhadores. A dominação do capital criou para essa massa uma situação comum, interesses comuns. Assim, essa massa já é uma classe em relação ao capital, mas não o é ainda para si mesma. Na luta, [...] essa massa se reúne, se constitui em classe para si mesma. Os interesses que defende se tornam interesses de classe (Marx, 1847, p. 146).

Nesse cenário, é perceptível compreender as mudanças que Marx (1847) cita quando as pessoas passam por condições ruins no trabalho isso as unem, pois elas vivem os mesmos problemas e, quando juntas, podem perceber quão forte são para lutar contra o sistema que as oprimem. Assim, ela começa a entender que está em um sistema que oprime tanto ela quanto os outros, nesse caso, o Espírito Fedorento decide agir contra isso. Representando a sua persistência por resistir ao poder de Yubaba, pois ela não aceita as condições ruins como algo normal, ao contrário disso, reage para mudar a situação.

Em suma, compreendemos como Chihiro, agora chamada Sen, vivencia as dificuldades da classe trabalhadora ao descobrir que, nesse mundo, quem não trabalha não

consegue sobreviver. Por isso, ela busca trabalho com Yubaba, que a obriga a assinar um contrato, fazendo com que perca sua verdadeira identidade e se torne apenas mais uma funcionária na casa de banho. Com o passar do tempo, Chihiro começa a perceber as dinâmicas de exploração e desigualdades presentes nesse ambiente. No entanto, ela desafia o sistema ao resistir às opressões, principalmente ao se lembrar de seu verdadeiro nome com a ajuda de Haku e ao ajudar o Espírito Fedorento. Assim, fica claro como Chihiro/Sen simboliza o proletariado e sua luta contra as forças que a oprimem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As animações deixaram de ser apenas desenhos animados transmitidos em canais de TV aberta, hoje, elas utilizam técnicas diversas para transmitir questões contemporâneas. Com o passar dos anos, a variedade de animações cresceu e, agora, desempenham um papel importante na sociedade. Um bom exemplo disso é como a exploração e a opressão dos trabalhadores podem ser retratadas de forma lúdica nas animações, de um modo que nem sempre percebemos criticamente, mas que nos faz refletir sobre a luta dos funcionários para se libertarem dessa realidade.

A partir do *corpus* deste trabalho *A viagem de Chihiro* (2001), podemos observar que o mundo espiritual é dividido em classes: a burguesia e o proletariado. A maneira como Chihiro precisa sobreviver nesse mundo espiritual para salvar seus pais e voltar ao mundo real implica que ela precise trabalhar na casa de banhos. Outro ponto importante é como a dona da casa de banhos, Yubaba, usa seu poder para prender os funcionários por meio de contratos e da perda de identidade, o que dificulta a consciência de quem eles são, mantendo-os aprisionados. Além disso, esses funcionários não sabem para onde devem voltar, pois perderam o controle sobre suas próprias identidades.

Levando em consideração essas questões, este trabalho tem como inquietação: como a relação social existente entre Yubaba e Chihiro estabelece e tensiona as diferenças de classe social na animação *A viagem de Chihiro* (2001)? Para responder essa pergunta foi elaborado o seguinte objetivo geral: investigar a relação social existente entre Yubaba e Chihiro estabelece e tensiona a diferença de classes na animação *A viagem de Chihiro* (2001) à luz dos estudos marxianos. Com intuito de atingir o objetivo geral, foram definidos objetivos específicos: (I) discutir os pressupostos teóricos da estudos marxianos, com ênfase nos conceitos de classes sociais, divisões de classes e luta de classes; (II) compreender como a personagem Chihiro representa a classe dos trabalhadores e as formas como ela resiste às opressões; (III) identificar como a personagem Yubaba personifica a classe da burguesia e como ela pratica a opressão e a exploração em relação aos trabalhadores.

Por meio de uma análise interpretativa, observamos como Chihiro representa a classe trabalhadora, enfrentando as dificuldades de estar no final da hierarquia social, como mostrado por excertos e figuras. Ela precisa trabalhar para sobreviver e salvar seus pais, perdendo sua verdadeira identidade, o que a impede até de voltar ao seu mundo, caso se esqueça dele. Além disso, percebemos que Yubaba personifica a burguesia por meio de elementos como suas

roupas, joias, falas e ações que inferiorizam a classe trabalhadora, e como seus funcionários a temem devido às formas variadas de opressão que ela impõe.

A resistência de Chihiro às opressões na casa de banhos é marcada pela preservação de seu nome e pela crescente consciência de ajudar ao próximo, algo que a classe trabalhadora, muitas vezes, não tem a oportunidade de fazer, pois está focada em seu próprio serviço. Embora não seja fácil para uma criança de 10 anos, sua transformação de uma criança mimada em uma figura corajosa que tenta ajudar a todos é notável. Por outro lado, Yubaba mantém o controle sobre tudo, oprimindo e explorando seus funcionários, oferecendo apenas teto e comida em troca de submeter todos à perda da liberdade ao perderem seus nomes, como ocorreu com os pais de Chihiro.

A luta de Chihiro para sair desse mundo não é simples nem fácil, mas passa por diferentes etapas até o momento em que ela consegue se libertar. Esse processo de crescimento é evidente, especialmente quando ela perde seus pais e quando se encontra sozinha começando a aprender com seus próprios erros.

Considerando que o *corpus* desta pesquisa foi analisado à luz dos estudos marxianos, sugerimos que, em estudos futuros, ele seja problematizado a partir de outras lentes teóricas, como, por exemplo, os estudos feministas, para analisar o papel central de Chihiro e seu desenvolvimento ao longo da animação. Também seria interessante explorar o universo fantástico para compreender as representações das figuras mágicas como Haku, Kamaji, No-Face e outros personagens, a fim de mostrar como esse trabalho pode abordar diferentes temáticas.

Por outro lado, há a possibilidade de explorar o personagem No-Face, que personifica uma crítica ao capitalismo, principalmente ao consumismo presente nesse sistema. O capitalismo consome e acumula incessantemente, mas No-Face não permanece satisfeito, desejando consumir Sen/Chihiro. Dessa forma, o sistema capitalista consegue corromper No-Face, transformando-o em um monstro, simbolizando como o desejo insaciável e a busca constante por mais podem levar à perda da identidade e à destruição.

Quanto aos desafios enfrentados para a realização deste trabalho, tivemos dificuldades em compreender os pensamentos de autores marxistas como Karl Marx, cuja linguagem nem sempre é direta, juntamente com Friedrich Engels. Além disso, o trabalho passou por várias modificações, especialmente em relação aos conceitos a serem escolhidos. Esse processo envolveu discussões e ajustes para definir os conceitos que seriam utilizados. Também houve problemas com a seleção de excertos e figuras, que não se alinhavam diretamente com os conceitos escolhidos, o que resultou em modificações até chegarmos à versão atual.

Ao final deste trabalho, espera-se ter mostrado a existência das classes sociais e como elas estão divididas, com conflitos entre elas em busca de causas diferentes. Também desejou-se demonstrar que as animações não são apenas desenhos animados, mas novas formas de enxergar esses desenhos - e que animações não são apenas para crianças. Afinal, elas podem abordar temas de exploração, luta e libertação de maneira profunda e significativa, aspectos que, embora muitas vezes invisíveis no cotidiano, estão presentes em diversas esferas da vida.

Por fim³³, *A viagem de Chihiro* (2001) não é apenas um desenho animado, mas uma animação que trata de temas importantes para a vida das pessoas, em diferentes contextos e realidades econômicas. Ter empatia pelo próximo talvez não custe tanto, mas pode mudar muito, porque, assim como Chihiro, você também pode se transformar sem precisar passar por tudo o que ela passou. A vida não é tão fácil quanto imaginamos, passamos por mudanças ao longo dela, mas precisamos lembrar de quem somos no final.

Chihiro, talvez, seja um exemplo de como podemos enfrentar diferentes tipos de mudança ao longo da vida, influenciados por fatores diversos, e como podemos lutar contra essas adversidades, com a possibilidade de melhorar. Sua jornada é uma metáfora para entendermos que, apesar dos desafios e das pressões externas, a transformação e o crescimento são possíveis, e é essa luta constante que nos permite superar os obstáculos, sempre com a chance de construir uma realidade mais justa e empática.

³³Narrativa em primeira pessoa por ser uma reflexão pessoal da pesquisadora.

REFERÊNCIAS

BENDAZZI, G. **A Moving Subject**. Boca Raton: CRC Press, 2020.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CULLER, J. **Literary theory**: a very short introduction. 2 ed. New York: OUP, 2011.

DALMAGRO, S. L.; FRIZZO, G. A luta de classes e a produção do ser social: as lutas sociais como trabalho socialmente necessário. **Germinal**: marxismo e educação em debate, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 362–378, 2023. DOI: 10.9771/gmed. v15i3.53667. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/53667>. Acesso em: 5 nov. 2024.

DURÃO, F. A. **O que é crítica literária**. São Paulo: Parábola, 2016.

EAGLETON, T. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Unesp, 2011.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Leandro Konder 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1984.

ENGELS, F. Princípios básicos do comunismo. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escolhidas**. tomo I. Lisboa; Moscou: Avante; Progresso, 1982. p. 76-94.

ENGELS, F. **Socialism**: Utopian and Scientific. Paris: Foreign Languages Press, 2020.

FONTENELE, R. P.; CUNHA, R. C. da. Spirited away (2001): O encontro improvável entre o capitalismo e o mundo espiritual, à luz da corrente marxista. In: **Anais do I Simpósio de Nacional de Estudos em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas**. Anais. São Luís (MA) On-line, 2023. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/sinelmic-ufma/645265-spirited-away-\(2001\)--o-encontro-improvavel-entre-o-capitalismo-e-o-mundo-espiritual-a-luz-da-corrente-marxista/](https://www.even3.com.br/anais/sinelmic-ufma/645265-spirited-away-(2001)--o-encontro-improvavel-entre-o-capitalismo-e-o-mundo-espiritual-a-luz-da-corrente-marxista/). Acesso em: 15 jun. 2024.

FONTENELE, R. P.; CUNHA, R. C. da. Spirited Away (2001): o encontro improvável entre o capitalismo e o mundo espiritual, à luz da Corrente Marxista. **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], n. 69, p. e24440, 2024. DOI: 10.5585/eccos. n 69.24440. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/24440>. Acesso em: 15 jun. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: 2002.

GRESPLAN, J. **Marx**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2021.

JIZŌ, o guardião das crianças no Japão, Travelness, 2016. Disponível em: <https://travelness.com.br/jizo-as-estatuas-guardias-das-criancas-no-japao/> Acesso em: 12 dez. 2024.

KARL, M. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LEAL, R. O que significa “just deserts” em inglês?. **inFlux**, 2016, Curitiba. Disponível em: <https://www.influx.com.br/blog/o-que-significa-just-deserts-em-ingles/>. Acesso em 23 nov. 2024.

LÊNIN, V. I. As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. *In*: LÊNIN, V. I. **Obras Escolhidas**. [s.l.]: Edições Progresso, 1977. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1920/10/02.htm>. Acesso em: 5 nov. 2024.

LIMA, K. **Escala 6x1**: proposta sobre redução de jornada alcança assinaturas e será protocolada, diz deputada. G1 Globo, 2024, São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/11/13/escala-6x1-proposta-sobre-reducao-de-jornada-alcanca-assinaturas-e-sera-protocolada-diz-deputada.ghtml>. Acesso em: 14 set. 2024.

LISINA, E. Symbolic Colors in Japan. **Japan Travel**, 2020, Tokyo. Disponível em: <https://en.japantravel.com/blog/symbolic-colors-in-japan/61005>. Acesso em 16 nov. 2024.

MACEDO, Eduardo Bezerra de Menezes e Silva; ALMEIDA, Ádila Ferreira de. A APROPRIAÇÃO CAPITALISTA DA MAIS-VALIA. **Revista Filosofia Capital - ISSN 1982-6613**, [S. l.], v. 15, n. 22, p. 10–20, 2020. Disponível em: <https://filosofiacapital.org/index.php/filosofiacapital/article/view/423>. Acesso em: 7 dez. 2024.

MACEDO, T. A.; LOPES, M. A importância da consciência de classe na consolidação do estado democrático de direito. *In*: **Anais Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar - ISSN-2527-2500 & Congresso Nacional de Pesquisa Multidisciplinar**. 2016[s.d]. Disponível em: <https://publicacoes.unifimes.edu.br/index.php/coloquio/index>. Acesso em: 08 dez. 2024.

MACIEL, D. O conceito de revolução permanente em Marx e Engels. *In*: ROIO, M. D. (org.). **Marx e a dialética da sociedade civil**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p.205-231. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/download/73/2536/4176?inline=1. Acesso em: 08 dez. 2024.

MANDEL, E. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MANDEL, E. **The place of Marxism in history**. New Jersey: Humanities Press International, 1994.

MARX, K. **Cadernos de Paris & Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844**. Traduções de José Paulo Netto e Maria Antônia Pacheco. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, K. Carta a Weydemeyer. In MARX, K. y ENGELS, F. **Obras Escolhidas em três tomos**, t. II. [s.l]: Avante, 2006. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1852/03/05.htm>. Acesso em 23 nov. 2024.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, K. **O Capital**: livro 1. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MARX, K. **Trabalho Assalariado e Capital & salário, preço e lucro**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. Tradução de Rubens Enderle, Nélío Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. Tradução de Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **Lutas de classes na Alemanha**. Tradução de Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **Lutas de classes na França**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Grundrisse**. Tradução de Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOORE, D. J. **Colour in Branding Green**. Iron Dragon, 2024, Reino Unido. Disponível em: <https://www.irondragondesign.com/green-colour-psychology-in-branding/>. Acesso em 16 nov. 2024. Acesso em 01 dez. 2024.

NETTO, J. P. **O que é marxismo**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Washington, [s.d]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 28 out. 2023.

ROCHA, A. F. M. **A viagem de Chihiro**: um passeio arquitetônico sobre o emblemático filme de Miyazaki. 2021. 171 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

RODRIGUES, R. S.; NEUBERT, P. S. **Introdução à pesquisa bibliográfica**. Florianópolis: UFSC, 2023.

ROWCROFT, A. **Karl Marx**. Abingdon; New York: Routledge, 2021.

SANTANA, A. D. Estado e as classes sociais em Nicos Poulantzas, Erik Olin Wright e Claus Offe: A luta de classes, a estrutura e a seletividade estatal. **CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 35, p. 255–275, 2022.

SOUZA, M. D. **Ser trabalhadora produtiva é antes um azar**: A expansão da exploração capitalista sobre o trabalho reprodutivo. Dissertação (Mestrado em Administração) — Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33344>. Acesso em: 04 dez. 2024.

A viagem de Chihiro. Direção de Hayao Miyazaki. Roteiro de Hayao Miyazaki. Produzido por Toshio Suzuki. Tóquio: Studio Ghibli, 2001. 1 DVD (125 min), NTSC, colorido. Título original: Sen to chihiro no kamikakushi. Disponível na Netflix. Acesso em: 03 mai. 2024.

TYSON, L. **Critical theory today**: a user-friendly guide. 4. ed. New York, London: Routledge, 2023.

WILLIAMS, R. **Keywords**: A vocabulary of culture and society. New York, London: Oxford University Press, 1985.

WILLIAMS, R. **Marxism and literature**. New York, London: Oxford University Press, 1977.

WRIGHT, E. O. **Class counts**: Comparative studies in class analysis. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1996.